

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SÃO PAULO

Ana Carolina dos Santos Martins Leite

O Lugar da Sala de Leitura na Rede Municipal de Ensino
de São Paulo

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA,
SOCIEDADE

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SÃO PAULO

Ana Carolina dos Santos Martins Leite

O Lugar da Sala de Leitura na Rede Municipal de Ensino de São
Paulo

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação da prof^a dra. Helena Machado de Paula Albuquerque

SÃO PAULO

2009

BANCA EXAMINADORA

Ao Anderson, que não mede
esforços para me apoiar.

Agradecimentos

A CAPES pelo apoio, incentivo e suporte financeiro.

A minha orientadora, prof^a dra. Helena Machado de Paula Albuquerque.

A prof^a dra. Alda Junqueira Marin, pela atenção e valiosíssimas sugestões que tanto enriqueceram o trabalho.

Ao prof. dr. Luiz Carlos Novaes, por participar da Banca Examinadora.

A todos os funcionários da Prefeitura de São Paulo que pacientemente cederam documentos e informações, aos profissionais das escolas pesquisadas, particularmente às professoras orientadoras da Sala de Leitura, pela acolhida e paciência.

A Ana Lígia e Aldi, meus pais, responsáveis por minha formação, que me fizeram ser quem sou e chegar até aqui, e a meus irmãos, Thiago e Aline, por serem tão especiais.

A todos os meus queridos amigos que muito me apoiaram nesta etapa, em especial às companheiras de estudos e pesquisas: Silvia, Renata, Licia, Priscila, Tânia e Alessandra.

LEITE, Ana Carolina dos Santos Martins. 2009. O lugar da Sala de Leitura na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Mestrado em Educação. São Paulo: PUCSP – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

Resumo

Este trabalho analisa os aspectos físicos e a organização da Sala de Leitura a partir dos conceitos de território, espaço e lugar. A investigação de natureza qualitativa foi realizada nos anos de 2007 e 2008. A questão norteadora da investigação foi: em que consiste este espaço denominado Sala de Leitura? Tendo como objetivo focalizar a Sala de Leitura na dimensão espacial ampliando a compreensão sobre seus diversos aspectos partiu-se da hipótese de que a Sala de Leitura é um espaço culturalmente proposto a partir do projeto, mas é lugar a partir do uso que se faz dele, e é território pela subjetividade que o marca. Realizou-se revisão bibliográfica e documental em textos da memória do projeto Sala de Leitura e suas regulamentações. A pesquisa de campo ocorreu em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, com Salas de Leitura de espaço adaptado ou integrante da planta do prédio. A análise dos dados de observação, de entrevistas e de fotos foi realizada segundo os estudos de Viñao Frago (2001) sobre espaço, território e lugar. Os resultados apontam que a Sala de Leitura é um espaço idealizado convertido em lugar pelos que o usam e território subjetivamente caracterizado o que afirma a hipótese inicial de que ainda não é devidamente valorizado, confundindo-se, muitas vezes, com a sala de aula, sem ênfase em seu caráter específico: lugar para ler e aprender a gostar de ler.

Palavras - chave

Organização escolar, espaço, lugar, território, Sala de Leitura, Rede Municipal de Ensino.

Abstract

This work analyzes Reading Room in physical aspects and organization, based on the concepts of territory, space and place. Research was made during 2007 and 2008 in qualitative way. What exactly "Reading Room" means was the investigation goal. If we focus Reading Room on a space dimension, it is a cultural space, but according its use, is "place" and in a subjective way, is *territory*. Bibliography and documental review was made on Reading Room project and regulations. Fieldwork took place in two municipal primary schools of S. Paulo with Reading Room adapted or in original build on. Analysis of data from observations, interviews and photos was done according to Viñao Frago study (2001) about space, territory and place. Results point to Reading Room as an ideal space changed by users into place and subjectively saw as territory. This confirm it isn't properly valued, often being confused as a classroom, without emphasis on its specific nature: place to read and learn to enjoy reading.

Keywords

School organization, space, place, area, Reading Room, Public Education network.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	25
1 O LUGAR DA SALA DE LEITURA OU A SALA DE LEITURA COMO LUGAR: A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO	25
1.1 A CONSTITUIÇÃO DA SALA DE LEITURA	31
1.2 A SALA DE LEITURA HOJE: PROCESSOS, ORGANIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO ESPACIAL.....	41
CAPÍTULO 2 – A PESQUISA NAS ESCOLAS	44
2.1 A ESCOLA ATRÁS DOS PORTÕES DE FERRO: PERSPECTIVAS DE UM AMBIENTE ESCOLAR.....	44
2.2 ESPAÇO AMPLO E ORGANIZADO – SERÁ DE FATO O CEU?	58
CAPÍTULO 3 – A ANÁLISE DOS DADOS	69
3.1 AS CONTRADIÇÕES ENTRE O ‘ABERTO’ E O ‘FECHADO’ NOS ESPAÇOS ESCOLARES.....	69
3.2 A ARQUITETURA COMO VEÍCULO DE INOVAÇÃO?	72
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXOS	81
Anexo I - Questionário para professores e alunos da Unidade de Ensino	81
Anexo II - Depoimento POSL (Escola 1, ano de 2001)	82
Anexo III - Oficina com o ilustrador Marcelino Vargas (Escola 1).	85
Anexo IV - Livro Rosaly Stefani – ex-POSL.....	86
Anexo V - Planejamento SL – Escola 1.....	87

Introdução

Esta pesquisa analisa a experiência no Município de São Paulo, da Sala de Leitura. A partir da experiência pessoal pôde-se perceber as especificidades desse espaço e os aspectos de sua constituição que lhe conferem diferenças, principalmente físicas e organizacionais. Como professora orientadora (POSL – professor orientador de Sala de Leitura), cuja função é realizar projetos voltados para a leitura, além de organizar e conservar o espaço físico da sala percebi uma forte tendência por parte da comunidade escolar de diferenciação deste espaço, em relação aos demais ambientes da escola. Ao participar de cursos de formação promovidos pela Secretaria Municipal de Educação (SME), pude confirmar tal tendência: a preocupação para que o espaço da Sala de Leitura seja diferenciado. Grande parte dos orientadores, nas reuniões e encontros de formação, manifestava interesse em diversificar a organização das Salas de Leitura.

A Sala de Leitura dentro da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, RMESP possui aspectos espaciais distintos, por isso, intrigantes, no colorido das paredes, estantes, livros, mesas, tapetes, flores... Há sempre algum objeto que não faz parte do mobiliário escolar convencional ou mesmo uma disposição diferente desse mobiliário que chamam atenção.

A forma escolar é uma configuração histórica particular, que se faz perceber em aspectos como tempo e espaço. Vincent, Lahire e Thin (2001) afirmam que, quando do surgimento da relação pedagógica, passa a existir também um espaço e um tempo específicos. Tornando-se um espaço específico, a escola separa-se dos demais espaços sociais, pela codificação das relações sociais, pela importância que passa a ser dada à escrita (Vincent, Lahire, Thin, 2001, p. 31). Tornando-se o lugar da aprendizagem da língua escrita, a escola começa a estruturar seu modo peculiar de organização: a forma escolar.

Dessa formação histórica tem-se hoje um universo separado para abrigar a infância e a adolescência, que privilegia regras específicas, organiza o tempo racionalmente, multiplica exercícios: o modo escolar de socialização, aqui denominado forma escolar. Essa forma, bem conhecida e usual, qualquer pessoa é capaz de identificar uma escola ou uma aula em quaisquer circunstâncias, já ultrapassa os limites da própria escola! É possível observar o

modo escolar de socialização sendo empregado em diversos segmentos sociais, como clubes, igrejas, associações, ONGS. A forma escolar não se confunde com a instituição-escola. É, na verdade, o modo como esta instituição processa os saberes, com inúmeras metodologias, mas que não fogem à mesma forma calcada na objetivação e na codificação das relações sociais, baseando-se na escrita, na supremacia do mestre, na racionalização do tempo e nos usos de espaços específicos para fins também específicos. A Sala de Leitura está inserida nesse universo: um espaço específico designado para um fim também específico: o desenvolvimento da leitura.

Ao entrar em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, um espaço logo se destaca: a Sala de Leitura, que, segundo Bezarias (2007, p.1), é o *recinto da escola onde os livros são guardados e seus segredos revelados*. Pode-se chamá-lo de biblioteca, porém, é mais: *É a Sala de Leitura. Aliás, qual é mesmo, exatamente, a diferença entre ambas? Ah, claro. Na Sala de leitura não se lê, apenas e simplesmente, na Sala de Leitura aprende-se a ler, o que ler e como ler* (p.1).

Não se pode considerar tal espaço como sala de aula, uma vez que sua organização se apresenta de modo diverso à das salas de aula. Não sendo biblioteca, nem sala de aula, como definir esse *lócus*? Piovesan (1999) apresenta a Sala de Leitura como *um espaço de ação cultural diferenciado da biblioteca e da sala de aula, devido à multidimensionalidade da natureza de suas atividades interativas* (p.3).

Inserido em um Projeto mais amplo denominado *Organização da escola e práticas pedagógicas*, norteado pelas relações entre escola e cultura com o aporte das Ciências Sociais, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, o presente estudo se propõe a analisar o espaço das Salas de Leitura na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. A temática da organização escolar, especialmente no que se refere ao espaço, é extremamente relevante para a compreensão de aspectos do currículo e da cultura escolar. Nesse sentido, o projeto aborda a questão da organização escolar, apontando sua importância para o entendimento da escola. Compreender a escola implica a apreensão das relações no espaço físico, historicamente construído, que, como toda construção histórica, abarca influências das tendências humanas, sociais e políticas. O enfoque na

organização espacial da escola poderá encontrar vestígios de sua história, de seus programas, apropriações e usos, noções e conceitos. Desse modo, busca-se uma interlocução com o arcabouço teórico do projeto, com o intuito de aprofundar um estudo sobre o espaço da Sala de Leitura.

Pode-se questionar as causas que conduzem a essa perspectiva de pesquisa. Qual a importância da dimensão espacial dentro da educação? Que aspectos conduziram a um estudo do espaço ou de um segmento de espaço escolar?

Para conhecer os conceitos e as nuances do projeto Sala de Leitura já investigados apresenta-se um levantamento de obras que abordam o tema Sala de Leitura na RMESP e outras pesquisas que abordam o espaço escolar.

O trabalho mais antigo sobre Sala de Leitura, uma dissertação de mestrado de Piovesan (1999), *Sala de Leitura: atos, atores e ações*, faz uma análise do aspecto da ação cultural, a interação dos alunos com o livro e as atividades dirigidas pelo orientador na Sala de Leitura. Para a autora, os processos cognitivos, perceptivos, lingüísticos e sociais motivados pela interação na Sala de Leitura caracterizam o projeto como um *espaço de ação cultural diferenciado*.

Silva (2002) analisa as leis que instituíram e regulamentaram, ao longo dos anos, o funcionamento da Sala de Leitura. Pela observação histórica, é possível perceber como a preocupação com a condição espacial desse projeto surge desde seu início e vai se consolidando ao longo dos anos.

Mendes (2006), professora da Rede Municipal de Ensino e POSL (Professor Orientador de Sala de Leitura), observa que, mesmo diante da descontinuidade administrativa, a Sala de Leitura permanece, tendo grande relevância para as unidades de ensino e o que havia sido um projeto-piloto tornou-se um projeto instituído e ampliado para toda a Rede. Surgem as indagações que detalham o problema de pesquisa: como o Projeto Sala de Leitura se implanta, se implementa, se institui e permanece?

O objetivo central do trabalho é contribuir para a compreensão das transformações que ocorrem no Projeto Sala de Leitura da RMESP, identificando as razões e circunstâncias (internas e externas) de sua permanência e expansão, o histórico do projeto e as nuances de seu espaço físico. Piovesan (1999), Silva (2002) e Mendes (2006), mesmo que

indiretamente, apontam a diferenciação da Sala de Leitura, quanto ao espaço, mobiliário específico e ações culturais realizadas nesse espaço...

Apesar da escassez de trabalhos de pesquisa, os documentos que registram a memória do Projeto Sala de Leitura, pertencentes ao acervo da Memória Técnica Documental (MTD), apontam em muitos aspectos para a questão espacial das Salas de Leitura.

No banco de teses da CAPES (agência governamental) foram encontrados 47 trabalhos de pesquisa com a palavra 'espaço' no título. Em algumas pesquisas aparece a expressão 'espaço escolar', em outras 'lugar', em outras, apenas 'espaço'.

Tais pesquisas em sua maioria são de mestrado e apenas nove de doutorado, de diferentes instituições: USP (Universidade de São Paulo), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio Grande do Sul e PUC de São Paulo. A Tabela 1 apresenta o nome da instituição, o ano e o número de pesquisas de cada Universidade que têm o termo espaço no título, resumo e linha de pesquisa.

Tabela 1 - Pesquisas sobre espaço escolar segundo os anos em Instituições Públicas

Ano / Estado	USP	Federal de Santa Maria	Federal de Santa Catarina	Federal do Rio Grande do Sul	Federal da Paraíba	Federal de Juiz de Fora	Federal do Rio de Janeiro	Federal de Minas Gerais	TOTAL
1990									0
1992									0
1994			1						1
1996									0
1997									0
1998									0
1999									0
2000	2		1	1				1	5
2001									0
2002	1				1				2
2003									0
2004									0
2005		1							1
2006			1	1		1	1	1	5
Total / Instituição	3	1	3	2	1	1	1	2	

Analisando os dados apresentados pela Tabela 1 comprova-se que as pesquisas desenvolvidas em Instituições Públicas aparecem num período que vai de 1990 até 2006, com uma incidência maior no último ano.

A Tabela 2 apresenta trabalhos de Instituições Privadas. Nota-se que todas as Universidades são da mesma origem (PUC), no mesmo período da Tabela 1. Destaca-se também uma incidência maior de pesquisas na PUC de São Paulo.

Ano / Estado	São Paulo	Rio Grande do Sul	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Paraná	Total /Ano
1990	1	0	0	0	0	1
1992	2	0	0	1	0	3
1994	2	1	0	0	0	3
1996	1	0	0	1	0	2
1997	2	0	0	0	0	2
1998	1	0	0	0	0	1
1999	0	2	0	0	0	2
2000	1	1	0	0	0	2
2001	2	1	0	0	0	3
2003	2	0	0	0	1	3
2004	1	0	1	0	0	2
2005	2	0	1	0	0	3
2006	2	1	2	0	1	6
Total / Estado	19	6	4	2	2	33

A análise das duas tabelas permite mostrar um número razoável de trabalhos produzidos, desde a década de 1990, em que aparecem termos ou expressões que remetem ao espaço escolar. Contudo, dos 47 trabalhos, poucos abordam o espaço dentro da escola. A grande maioria utiliza a expressão *espaço escolar* como suporte para desenvolver outros temas a respeito da escola, como: *Educadores e educadoras no enfrentamento de práticas racistas em espaços escolares - São Paulo e Havana...* de Denise Maria Botelho (Mestrado – USP – 2000). Muitas pesquisas utilizam o espaço escolar como ambiente para situar suas discussões e análises, poucas tratam efetivamente do espaço físico da escola. A tese de doutorado (USP, 2000) *Classe, Controle, Encontro: o Espaço Escolar*, de Cláudia Loureiro, trata da crença de que espaço e sociedade se integram, de modo positivo ou negativo, sendo o desenho do espaço

responsável por comportamentos. O foco do trabalho, apesar de tratar do espaço de escolas públicas é o urbanismo.

Rocha (2000), em *Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo*, mostra a relação entre espaço escolar e pedagogia (elementos do currículo). Pereira (2006), em *Da escola do hardware para a escola do software: o processo educativo sob a lógica da compressão do tempo e do espaço*, analisa as categorias de tempo e espaço com a chegada dos ambientes informatizados nas escolas de Porto Alegre.

Um dos mais antigos trabalhos a respeito do espaço escolar é *Escola: o espaço da educação – análise dos ambientes escolares nos programas de construção do Estado de São Paulo, de 1977 a 1990*, de Dorea (1992), que analisa a escola como suporte físico da educação, apontando as transformações ocorridas nos ambientes escolares a partir dos programas de construção do Estado de São Paulo. A mesma autora na mesma instituição, em 2003, produziu a tese: *Anísio Teixeira e a arquitetura escolar: Planejando escolas, construindo sonhos...* que analisa a atuação do educador Anísio Teixeira, de 1931 a 1935, durante sua gestão à frente da Diretoria de Instrução Pública do distrito Federal, à época no Rio de Janeiro.

Em 2004, na dissertação *O espaço que educa? Políticas educacionais, sanitárias e urbanísticas na constituição do espaço escolar da escola normal do Braz (1911-1915)* Palma destaca que o espaço pode evidenciar prescrições tanto pedagógicas, quanto médico-higienistas, num período de reestruturação urbanística.

Todos os demais trabalhos encontrados no levantamento do sítio da CAPES utilizam o termo espaço escolar como ambiência para a formação de professores, lugar do feminino na escola, jogo na educação infantil, gestão do currículo, planejamento escolar.

O levantamento bibliográfico demonstra que o estudo do espaço físico da escola e suas características é preocupação recente entre os pesquisadores, o que enfatiza ainda mais a relevância de pesquisas que tratam da temática do espaço físico da escola e seus ambientes.

Viñao Frago (2001) analisa o suposto desinteresse dos educadores pela temática, afirmando que essa dimensão da atividade humana e educativa não é estudada nem a fundo nem de modo sistemático (p. 11), como mostram as

Tabelas 1 e 2 os trabalhos acerca do tema são poucos, distribuídos desigualmente tanto no tempo como nas instituições e regiões. Segundo o autor, entre as razões para explicar o desinteresse, está a ausência de preocupação da historiografia escolar com o espaço, uma vez que a História da Educação sempre se ocupou do pensamento pedagógico (2001, p. 11). Apenas a partir dos avanços da Antropologia e da História, a necessidade de estudo do espaço escolar se tornou evidente, adquirindo relevância somente nos últimos anos (Viñao Frago, 2001, p. 12).

O autor aponta outras razões para o escasso estudo do espaço escolar, como a dificuldade dos historiadores em integrar os pontos de vista médico-higienista, arquitetônico e pedagógico. Segundo Viñao Frago, sempre se privilegia um ou outro aspecto de acordo com os interesses. Outra razão é o desinteresse da disciplina História da Educação pelo tema (Viñao Frago, 2001, p. 14). Os estudos com abordagem sociológica sobre a escola são escassos no conjunto das pesquisas conforme Marin e outros, o que, certamente, abrange os aspectos espaciais.

As pesquisas reafirmam e reforçam a necessidade de análise dos ambientes escolares. Mas que conceitos são relevantes para o entendimento do espaço escolar? Que aspectos são componentes dessa dimensão? Buscou-se deste modo conceitos para orientar teoricamente este estudo

Para Viñao Frago quaisquer atividades humanas se constroem em um tempo e um espaço, independente de suas naturezas. O espaço objetivo, *percebido como possibilidade e limite, de certo modo não existe e, se existir, nunca é percebido como tal* (1996, p. 63). Segundo o autor, o espaço é uma realidade *psicológica viva*.

O termo lugar, usual entre as pessoas para definir espaços determinados, é entendido por Viñao Frago (2001) como um “salto qualitativo” em relação ao espaço físico à medida que é uma construção do homem:

O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói... a partir do fluir da vida e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto a converter-se em lugar, para ser construído. (p.61)

E território para o autor é: *uma noção subjetiva, ou caso se prefira, objetivo-subjetiva – de índole individual ou grupal e de extensão variável* (2001,p. 63).

As pessoas modificam o espaço apenas com sua presença, imprimem sua marca, criam novas conjecturas. A metamorfose do espaço é sempre influenciada pela cultura, costumes e realidade dos que o habitam.

Para Viñao Frago (1996,) território e lugar são realidades grupal e individualmente construídas, de acordo com a sociedade e a cultura, ou seja, não são jamais realidades neutras.

Viñao Frago (2001) propõe uma *Geografia histórica* para transpor a dicotomia entre a Geografia que estuda o espaço e a História que se ocupa do tempo. O tempo e o espaço são realidades que se apresentam juntas, não há tempo sem espaço, ou espaço que não esteja inserido em um tempo. O espaço deve ser analisado na sua transformação como consequência da presença humana, sua disposição e usos.

Se nas mais variadas ações humanas o espaço aparece como suporte que permite aos seres compor e transformar situações, qual o papel do espaço na atividade educativa?

Viñao Frago afirma que *qualquer atividade humana precisa de um espaço* (2001, p. 61). O espaço físico atua como elemento básico das ações humanas, o que inclui o ensino, ação que se processa em um espaço e tempo específicos, aos quais pode-se denominar espaço e tempo escolares. (Viñao Frago, 1996).

Para Escolano, espaço escolar é um

constructo cultural que se expressa e reflete para além da sua materialidade determinados discursos... é, além disso, um mediador cultural em relação à gênese e à formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem. (2001, p. 26).

Segundo esse conceito, o espaço escolar é parte integrante do currículo, influenciando e modificando as relações e as aprendizagens. Torna-se clara, então, a necessidade de estudo do espaço físico escolar, seja como elemento básico da atividade humana, seja como parte do currículo. Ainda segundo Escolano (Viñao Frago & Escolano, 2001), o espaço escolar é elemento cultural e pedagógico. Em algumas metodologias de ensino, a estruturação dos

ambientes qualifica e determina os modos de concepção de ensino. Nas pedagogias denominadas ativas, o espaço é usado “didaticamente” com a finalidade de alcançar os objetivos propostos para a educação. Mesmo nas consideradas pedagogias tradicionais, o espaço ocupa lugar de destaque. Desde o final do século XIX havia nos manuais de ensino referências ao espaço escolar, sobretudo no tocante à higiene (Viñao Frago & Escolano, 2001).

O espaço escolar sempre esteve ligado diretamente ao ensino, ou seja, organiza-se determinado espaço para determinado tipo de ensino, do que se infere que o espaço não é neutro. Tal dinâmica é a *dimensão educativa do espaço escolar* (Viñao Frago & Escolano, 2001, p. 74) que sempre educa (p. 75). Os ambientes escolares mais comuns, como o pátio, a sala de aula, a sala da direção, em sua disposição e distribuição, compõem uma construção histórica do espaço escolar. Com a passagem da escola formada apenas pela sala de aula (início da sistematização) para a escola-colégio, a distribuição dos ambientes passa a ter grande destaque, o que representa dizer que determinado modelo arquitetônico passa a configurar uma determinada pedagogia, fator que reafirma a relevância da dimensão espacial.

Pouco se conhece a respeito da Sala de Leitura, visto que esta nomenclatura e tipo de organização são pouco usuais, entre as escolas públicas. Grande parte das redes de ensino denominam os espaços de leitura como ‘biblioteca escolar’, outras não possuem qualquer denominação ou algum tipo de espaço de leitura!

Desde que o ensino começou a ser estruturado como atividade sistemática existe um espaço delimitado para o seu desenvolvimento. O espaço escolar não é dotado de neutralidade, assim como não o são os espaços em geral. De acordo com Escolano (Viñao Frago & Escolano, 2001, p. 26), o espaço escolar é uma construção cultural que revela os discursos e idéias dos que o usam, cumprindo importante função no currículo escolar.

Escolano aponta que os espaços educativos são uma via silenciosa de ensino, o chamado *currículo oculto*. Não apenas o espaço da escola em si, mas sua localização e disposição no espaço urbano ou rural compõem elementos do currículo. Ao longo dos séculos a arquitetura escolar vem sendo influenciada tanto pela pedagogia, quanto pela cultura e pelas condições

políticas, sociais e econômicas. Correntes arquitetônicas modernistas do início do século XX propunham que a escola devia ocupar um lugar central no plano urbanístico. Em 1933, o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna recomendava que as escolas fossem localizadas nos espaços livres situados em grandes vias de comunicação do meio urbano. A preocupação com a constituição e localização das escolas demonstra o quanto a arquitetura dos espaços escolares agrega elementos ao currículo.

A localização da escola e suas relações com o a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende. (Viñao Frago & Escolano, 2001, p. 45).

Sendo o espaço parte do currículo e capaz de educar os alunos, torna ainda mais imprescindível entendê-lo em sua amplitude. Em outros termos, como se colocam as noções de território e lugar dentro do espaço escolar?

Viñao Frago afirma *que a escola é espaço e lugar; físico e material dado, mas também uma construção cultural que gera fluxos energéticos*. (2001, p. 77) que no caso das escolas constituem tudo que está ao redor da educação. Existem modos de ordenar o espaço, organizá-lo, que atendem a métodos de ensino ou a forma institucional que se deseja impor, e esses modos são a constituição do que se denomina lugar.

Inicialmente, a escola era o lugar da sala de aula, o centro das relações de ensino. A sala de aula continua sendo espaço e lugar centralizador do ensino e da aprendizagem. Entretanto, com a ampliação dos ambientes escolares, a sala de aula deixou de ser os limites da escola e os demais ambientes ganharam grande importância. A sala da direção e espaços administrativos, o pátio, entre outros, são extremamente representativos das relações escolares.

Os ambientes escolares estão compondo territórios, lugares e educando a partir das relações humanas, mesmo que não se disponham explicitamente a esse fim.

Assim, a Sala de Leitura surge como um espaço específico da escola municipal, objeto desta investigação, e se coloca o **problema** desta pesquisa: em que consiste este espaço denominado Sala de Leitura? A **hipótese** é que a

Sala de Leitura é um espaço culturalmente proposto a partir do projeto, mas é um lugar a partir do uso que se faz dele, e é também território pela subjetividade que o marca.

Como **objetivo** geral, da pesquisa se propôs focalizar a Sala de Leitura na dimensão espacial ampliando a compreensão sobre seus diversos aspectos e como objetivo específico buscou-se verificar as nuances de sua realidade que permitem focalizar seus projetos, seus ambiente, características de construção, organização e distribuição no interior da escola.

No que tange à **metodologia**, a pesquisa é de abordagem qualitativa envolvendo revisão bibliográfica de conceitos referentes ao espaço escolar, análise dos documentos: textos da memória do projeto Sala de Leitura e legislação referente ao tema. Foram realizadas visitas à Memória Técnica documental, órgão da Prefeitura de São Paulo responsável pela organização dos documentos referentes ao histórico do Projeto Sala de Leitura, para coletar e selecionar documentos para análise. Procurou-se destacar os aspectos referentes ao cuidado com o espaço físico desde o início do projeto, quando ainda se denominava PEB (Programa Escola-Biblioteca), e verificar prescrições ou recomendações quanto à organização do espaço físico das Salas de Leitura, quem eram os responsáveis pelo cuidado do espaço e como este cuidado ocorria. Posteriormente foi desenvolvida a pesquisa de campo nas escolas da Rede Municipal, com entrevistas, questionários, fotografias, coleta de documentos e observação participante.

Foram selecionadas duas escolas EMEFs (Escolas Municipais de Ensino Fundamental), da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, uma vez que as escolas de educação infantil não possuem Salas de Leitura. O critério de escolha foi o fato de serem salas adaptadas ou salas próprias. A partir de 2003, com a construção dos Centros Educacionais Unificados (CEU), as Salas de Leitura passaram a incorporar as plantas arquitetônicas das escolas municipais de ensino fundamental. Foi escolhida uma escola com Sala de Leitura adaptada e uma escola com sala posterior a 2003, com base na indicação da Diretoria Regional de Educação que as apontou como unidades com Salas de Leitura de bom funcionamento, referência entre as demais.

A escola com sala adaptada possibilita comparar as origens do espaço, com as transformações ocorridas ao longo dos anos. Já as salas recentes

permitem a reflexão acerca da consolidação do Projeto Sala de Leitura, bem como das transformações e apropriações deste espaço dentro da escola. O objetivo central das visitas às escolas foi à observação e análise dos aspectos físicos da Sala de Leitura, além do comparativo com outras dependências, a fim de responder a questão norteadora da pesquisa e atender os objetivos.

Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas com orientadores da Sala de Leitura, coordenadores pedagógicos e diretores, além de questionários para alunos (Anexo 1) sobre os usos e organização do espaço da Sala de Leitura. A observação iniciou-se após uma visita prévia para entrega da carta de apresentação, tendo a autorização dos responsáveis pela unidade de ensino. O principal objetivo da observação foi o levantamento de dados que possam auxiliar na compreensão da configuração espacial da Sala de Leitura. A observação procurou identificar indicadores tais como:

- Limpeza: na Sala de Leitura, na sala de aula e demais dependências. Como é efetuada a limpeza e quem a efetua.
- Materiais diversos: aparelhos eletrônicos, objetos de decoração e acervo bibliográfico (tamanho e diversidade).
- Pintura: cores das paredes e do mobiliário, quando foram pintados, se são pintados regularmente ou por que são pintados.
- Adaptação: no caso da escola com sala readaptada observar na planta ou em documentos oficiais a utilidade original do espaço readaptado. No caso da sala recente, se o uso da Sala de Leitura está de acordo com o proposto na planta arquitetônica.
- Organização: o espaço da Sala de Leitura e dos demais ambientes está organizado por indicação da legislação, do POSL ou de outros sujeitos da escola? Quais critérios utilizados para a organização espacial da escola e, particularmente, da Sala de Leitura? Para favorecer a disciplina? Pela beleza? Pela praticidade? Elegância? Conforto? Sem nenhum critério específico?

Por meio de entrevistas verificou-se

- Mobiliário: tipo, origem (doação, compra, envio pela Prefeitura) e disposição/organização nos espaços e quem dispõe no local.
- POSL: verificar quanto tempo o professor orientador está na função e sua influência na constituição do espaço da Sala de Leitura

- Sujeitos da escola: verificar a participação de professores, direção, pais ou alunos na constituição do espaço da Sala de Leitura e demais espaços da escola.

A coleta de dados nas unidades de ensino foi analisada com base no conceito de espaço escolar proposto por Viñao Frago e Escolano destacando os conceitos de lugar e território buscando compreender as facetas do projeto espacial da Sala de Leitura dentro da organização escolar.

Este trabalho foi organizado em 3 capítulos, seguidos pelas considerações finais. No capítulo 1 são apresentados os conceitos que norteiam a pesquisa: espaço, lugar e território. Neste capítulo evidenciou-se nuances do espaço escolar por meio das imagens e apresentou-se as influências das tendências arquitetônicas nas escolas de São Paulo, segundo Buffa e Pinto (2002). Apresentou-se ainda, o histórico da Sala de Leitura dentro da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, apresenta fotos de Salas de Leitura e trechos de documentos referentes à regulamentação e memória do projeto.

No capítulo 2 incluiu-se os dados coletados nas Escolas 1 e 2 da pesquisa de campo, todas as informações, bem como as imagens e questionários obtidos nas visitas às unidades.

O capítulo 3 alia os conceitos expostos no capítulo 1 e os dados coletados no capítulo 2 para fazer a análise da pesquisa de campo. Contruiu-se um detalhamento dos dados coletados à luz dos conceitos relacionados ao espaço escolar.

Após os capítulos apresentou-se as considerações finais retomando os objetivos e a hipótese do trabalho deixando claro se esta foi ou não confirmada e se os objetivos foram alcançados a contento.

Capítulo 1

1 O lugar da Sala de Leitura ou a Sala de Leitura como lugar: a constituição do espaço

Os termos espaço, lugar e território são utilizados quase como sinônimos. Contudo, existem diferenças consideráveis entre eles. O dicionário Houaiss (2008) conceitua espaço como *distância entre dois pontos ou duas linhas. Distância limitada entre uma, duas ou mais dimensões. A extensão que compreende o sistema solar, a galáxia, as estrelas; o Universo. Período ou intervalo de tempo*. Lugar é

parte de um espaço (país, cidade, região). Parte de um espaço que alguém ou algo ocupa ou poderia ocupar. Posição relativa numa série, colocação ou escala. Assento ou espaço em que alguma pessoa se põe como passageiro ou espectador (Houaiss, 2008).

Sendo a distância entre dois pontos e uma parte desta distância, espaço e lugar deixam de ser 'sinônimos' e passam a ser noções que se entrecruzam: o lugar dentro do espaço e o espaço servindo de molde para o lugar. Ambos atuando como pretexto para a delimitação de territórios. Esses conceitos são triviais a ciências como a Geografia e a Cartografia, que se ocupam de estudar os espaços em suas constituições físicas e limitações territoriais. Por muito tempo acreditou-se que o estudo do espaço e seus lugares era matéria exclusiva da Geografia ou da Cartografia. Todavia, autores de outras áreas vêm apontando a importância de analisar o espaço e seus desdobramentos. Para Viñao Frago (1996, 2001), o espaço é elemento básico de todas as atividades humanas, assim como o tempo. Para tudo existe um tempo e um espaço específicos, inclusive para a educação. Inicialmente em igrejas ou casas, posteriormente em grandes salas de aula, mas sempre em um espaço e tempo delimitado. A evolução dos espaços escolares é parte da história da escola, muito embora não tenha tido grande destaque entre os temas pedagógicos.

Figura 1: Fachada de um prédio escolar de São Paulo. A imagem ilustra características dos prédios escolares hoje, demonstrando o grande número de espaços que a escola abriga além das salas de aula.



Foto tirada pela autora, 2007.

A preocupação com o espaço escolar sempre esteve mais a cargo de arquitetos ou médicos higienistas do que de profissionais da educação, aponta Viñao Frago (2001). Esse fator não impede que a arquitetura escolar constitua parte do programa escolar, sendo um elemento importante do currículo (Escolano, in Viñao Frago & Escolano, 2001). Ao longo da História da escola brasileira, sobretudo em São Paulo, vários momentos implicaram diversas construções e estilos arquitetônicos, bem como a presença ou ausência de concepções pedagógicas na estruturação dos prédios escolares.

Buffa e Almeida Pinto (2002) apresentam uma linha do tempo com as principais tendências das construções escolares no Estado de São Paulo. Segundo os autores, o advento da República trouxe para São Paulo a imponência dos Grupos Escolares que serviam de vitrine para os republicanos demonstrarem a cultura laica e popular. Os Grupos Escolares e Escolas Normais da década de 1890 a 1920 compunham os símbolos da própria República. Localização de destaque, próximo a prédios públicos no centro da cidade, conferiam à escola distinção no meio social. Buffa e Almeida Pinto (2002) afirmam que tamanha relevância social exigia uma nova configuração

espacial. Os programas arquitetônicos do período estruturados por arquitetos renomados, como Ramos de Azevedo e Carlos Rosencrantz que compunham a equipe do Departamento de Obras Públicas (DOP), foram responsáveis pela construção de grandes prédios, compostos por salas de aula para ambos os sexos e galpão para atividades esportivas, festas cívicas e recreio.

A imponência das edificações escolares desse período conferia à escola grande prestígio, apesar de os prédios construídos não suprirem a crescente necessidade de vagas em todo o Estado de São Paulo. Com o passar dos anos as construções de escolas se modificaram em virtude de inúmeros fatores políticos, econômicos e sociais, como a crescente industrialização e urbanização de São Paulo, que ocasionaram aumento expressivo na procura por vagas nas escolas, como meio de ascensão social e qualificação profissional. Os prédios escolares foram se modificando em seus projetos arquitetônicos na tentativa de atender as problemáticas sociais, as situações econômicas e as vertentes pedagógicas.

Os prédios imponentes e luxuosos foram cedendo espaço a construções mais simples e práticas, baseadas em formas geométricas, menos requinte e mais praticidade para suplantar a falta de vagas! O acirramento ainda maior da industrialização nos anos da década de 1950 acarretou procura muito maior por vagas nas escolas. Muitas escolas funcionavam em prédios alugados, barracões de madeira ou outras situações bastante diversas dos Grupos Escolares de anos anteriores (Buffa e Pinto, 2002)

Os arquitetos escolares deixaram a preocupação com o luxo diante da exorbitante defasagem de vagas. Nos anos 60, grandes arquitetos, como Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, implantaram novas tendências mais modernas, criando projetos de importantes Grupos Escolares em várias cidades do Estado (Buffa e Pinto, 2002).

Buffa e Pinto (2002) enfatizam as influências socioeconômicas sobre o universo da escola, bem como as concepções pedagógicas, arquitetônicas e médico-higienistas. Afirma que os Grupos Escolares, nas suas origens, eram

pedagogicamente competentes e arquitetonicamente imponentes, socialmente prestigiados e objeto de grande atenção..., ainda que atendessem uma pequena parcela da população. Os processos de industrialização e urbanização... somados ao inacreditável crescimento demográfico impuseram novas necessidades à escola primária (p. 157).

Assim, a História das construções escolares em São Paulo foi marcada pelas disputas entre visões arquitetônicas e pressões sociais. Por vezes, a falta de planejamento e estruturação política transformaram o cenário arquitetônico escolar: prédios alugados ou construídos às pressas com materiais inadequados como madeira ou estruturas de ferro. A História recente das escolas na capital paulista aponta inúmeras disputas político-partidárias em virtude das muitas escolas construídas com estruturas de ferro, chamadas popularmente de *escolas de lata*.

Para Viñao Frago, um modelo arquitetônico configura uma pedagogia (2001). Em São Paulo, no início da década de 1980, o arquiteto João Batista Vilanova Artigas, responsável por modernos Grupos Escolares da década de 1960, projetou um prédio escolar, que, segundo suas perspectivas arquitetônicas constituía, um modelo ideal para a educação.

Figura 2: Fachada da escola municipal projetada pelo arquiteto Vilanova Artigas, na Zona leste de São Paulo. A imagem mostra a frente do edifício e a grande quantidade de árvores plantadas para compor o cenário da escola



Foto tirada pela autora, 2007.

Figura 3: Vista da Sala de Leitura na escola projetada pelo arquiteto Vilanova Artigas. A imagem ilustra a entrada da Sala de Leitura e chama atenção pela porta e paredes de vidro que revelam o interior da sala.



Foto tirada pela autora, 2007.

Um determinado espaço pode gerar mudanças culturais ou mesmo pedagógicas nas relações sociais e de ensino. Muitas vertentes pedagógicas fazem uso de determinadas organizações espaciais a fim de propiciar determinadas funções de ensino e aprendizagem. Diante de tamanha importância o espaço assume proporções grandiosas em atividades como o ensino, que requer um espaço específico e delimitado.

Segundo Viñao Frago (1996, 2001), um espaço é sempre uma realidade física, posta materialmente. Uma sala vazia ou um prédio construído são espaços ou, conforme Houaiss (2008), *a distância entre dois pontos ou dimensões*. Todavia, a partir do momento em que é ocupado, o espaço se modifica e se transforma, tornando-se um lugar. O lugar é, pois, uma construção cultural, proposta pelos seres que habitam um determinado espaço. Assim um mesmo espaço pode se tornar um lugar completamente diferente, se ocupado por diferentes pessoas em diferentes épocas ou culturas. Viñao Frago aponta que *um espaço não é um meio objetivo dado de uma vez por todas, mas uma realidade psicológica viva* (2001, p.63). Para o autor, o espaço

objetivo não existe, e se existe não conta, salvo *como possibilidade e como limite* (2001, p. 63). Por conter traços de subjetividade porta dimensões emocionais e afetivas, caracterizando-se como território de um indivíduo ou grupo *O espaço comunica, mostra a quem sabe ler o emprego que o humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico...* (2001, p. 64).

Para o autor, o espaço escolar é sempre um lugar, a partir do momento em que é denominado e delimitado para um fim específico, o ensino. Não é praça, casa ou igreja... mas a escola que abriga a educação. E a escola existe, muito embora nela existam diversas relações sociais, exclusivamente para este fim: abrigar o ensino e suas decorrências.

O espaço se constitui como lugar por meio da construção social - o lugar da Sala de Leitura, o lugar do laboratório, tornando-se território pelas marcas subjetivas que se imprimem ao lugar. O território inclui o corpo do edifício até os limites de seus muros, ou até mesmo aos limites do corpo dos que convivem e se apropriam de um determinado lugar, como afirma Viñao Frago (2001). *O espaço como território e lugar introduz nas palavras de Bachelard a dialética do interno e externo – aquilo que é escola e o que fica fora dela.* (Viñao Frago, 2001, p. 65)

Deste modo o espaço ensina! O espaço compõe parte importante do que muitos autores da Sociologia costumam denominar *currículo oculto* ou *currículo invisível* (Viñao Frago & Escolano, 2001, p.27).

Para além do senso comum que tem espaço, lugar e território como conceitos iguais, estes têm nuances e diferenças que lhes conferem grande importância nas atividades humanas, como o ensino. Todavia, o espaço escolar não é apenas um lugar, ou território. É a junção de vários lugares e territórios que se unem para formar um espaço maior ao qual chamamos escola. Dentro de um prédio escolar, inúmeros ambientes compõem sua estrutura física, cada um ocupado de determinada maneira, por determinados seres e em determinadas épocas, vários lugares em um só lugar, vários territórios em um único. Cada lugar recebe as marcas subjetivas dos que se utilizam dele. Os prédios escolares evoluíram de salas de aula para espaços complexos com uma infinidade de cômodos projetados para diversos fins que não apenas o da relação pedagógica entre professor e aluno, mas também as

relações sociais que ocorrem em ambientes como corredores, pátio, sala dos professores... A secretaria, a sala da direção, a cozinha e os banheiros, cada um desses espaços é um lugar dentro da escola em território quando subjetivamente torna-se propriedade de um indivíduo ou de um grupo.

Viñao Frago (2001, p. 106) sinaliza que a passagem da escola/sala de aula para o que ele denomina *escola/colégio*, disposição interna dos ambientes, tornou-se questão de grande relevância. Observar os tamanhos e organizações dos ambientes dentro da escola pode dizer muito sobre sua valorização no sistema de ensino, refletindo concepções pedagógicas, tendências educacionais e administrativas. A preferência por quadrados e retângulos em detrimento de círculos e curvas privilegia a visibilidade e vigilância. Como exemplo, a sala de aula e o pátio, ambientes freqüentados pelos alunos, que em geral são quadrados ou retangulares.

Espaços, como os administrativos: diretoria, secretaria e sala de coordenação pedagógica, em alguns casos, ocupam lugar de destaque, situam-se na entrada do prédio e em corredores apartados do convívio dos alunos, ou seja, longe das salas de aula ou do pátio, próximos da entrada para facilitar o atendimento ao público (Viñao Frago, 2001). A sala dos professores completa o que Viñao Frago (2001, p.115) denomina *isolamento*: professores em sua sala comum, alunos no pátio e funcionários da área administrativa em ambientes separados dentro da mesma construção.

Todas essas dimensões, proporções e localizações favorecem certos tipos de relação pedagógica e compõem inevitável e silenciosamente o currículo da escola. *O espaço não é neutro. Sempre educa.* (Viñao Frago, 2001, p. 75).

1.1 A Constituição da Sala de Leitura

Nessa perspectiva, o que dizer do novo espaço que figura nas escolas municipais de São Paulo – a Sala de Leitura? Esse espaço surgiu inicialmente de uma necessidade pedagógica: incentivar e promover a leitura e de uma conveniência – trazer as bibliotecas infanto-juvenis que eram distantes para dentro das escolas. O projeto Sala de Leitura surgiu em 1972, visando promover a leitura e a pesquisa estudantil. Inicialmente chamava-se Programa

Escola-Biblioteca (PEB), promovendo a integração entre escolas municipais e bibliotecas infanto-juvenis e atuando como ação pedagógica voltada para a leitura dirigida por fichas¹. Após alguns anos o projeto migrou das bibliotecas para as escolas que possuíam um espaço para sua implantação. A Prefeitura enviou o mobiliário específico e acervo enquanto a escola encarregava-se de organizar o lugar.

Em meio a evoluções e adaptações, o projeto Sala de Leitura consolidou-se dentro da RMESP, estando hoje, presente na maioria das escolas de ensino fundamental, passando da leitura dirigida por fichas para atividades de leitura diversificadas com um professor orientador (POSL) e um espaço específico, uma vez que atualmente as escolas municipais já possuem um ambiente destinado à Sala de Leitura².

A Sala de Leitura nasceu como um espaço projetado que era destinado para outros fins, como depósitos, salas de aula, deslocados e transformados em ambientes de leitura. A prática de adaptar ambientes para o ensino não é incomum na História da Escola. Durante muito tempo salas de aula funcionaram em locais adaptados, em geral anexados a prédios públicos, como a Câmara Municipal ou o cárcere (Viñao Frago, 2001). Em uma escola municipal da zona norte de São Paulo, a Sala de Leitura foi criada embaixo de uma escada, com prateleiras feitas de caixas de maçã de acordo com relatos da POSL. Posteriormente, a sala foi alocada em um antigo depósito que foi ampliado após sucessivas reformas.

Figura 4: Sala de Leitura adaptada a partir de um depósito – Zona Norte de São Paulo.



Foto tirada pela autora, 2007.

¹ Atividades de leitura com fichas que orientam a interpretação textual registrando a síntese dos textos.

² Para maior aprofundamento ver a tese de doutorado de Mendes (2006) que apresenta informações detalhadas a respeito do Histórico da Sala de Leitura.

Em muitas escolas, alguns espaços que, de acordo com a planta arquitetônica eram destinados para as mais variadas funções, foram ocupados e transformados em Sala de Leitura. Conforme a legislação vigente, nas décadas de 1970 e 1980, a Prefeitura deveria se encarregar do acervo e do mobiliário, assim que a escola organizasse um espaço. Contudo, em muitos casos, a Prefeitura não supriu as necessidades crescentes das muitas escolas e as Salas de Leitura foram montadas com acervos e mobiliários doados pela comunidade, conforme se verifica na figura 5.

Figura 5: Sala de Leitura em uma escola da Zona Leste: montada com mobiliário e acervos doados pela comunidade.



Foto tirada pela autora, 2007.

Figura 6: Segunda imagem da mesma escola da Zona Leste: montada com acervo e mobiliário doados pela comunidade.



Foto tirada pela autora, 2007.

Figura 7: Sala de Leitura na Zona Oeste de São Paulo, cujo acervo e mobiliários foram adquiridos através de esforços do Conselho de Escola.



Foto tirada pela autora, 2007.

Figura 8: Segunda imagem da mesma escola na Zona Oeste, cujo acervo e mobiliários foram adquiridos através de esforços do conselho de Escola.



Foto tirada pela autora, 2007.

Com adaptações e, muitas vezes, improvisos a Sala de Leitura foi se constituindo em um lugar de destaque dentro da escola municipal, com diferenças significativas com relação à sala de aula: estantes, cores, cadeiras

estofadas, mesas redondas, arquibancadas, o que gerou uma infinidade de Salas de Leitura distintas entre si, que perduraram ao longo dos anos, resistindo às mudanças políticas e legais (Mendes, 2006) e às tentativas de uniformização. A consolidação da Sala de Leitura como projeto municipal e como lugar constituído nas escolas de ensino fundamental, apesar de ter ocorrido gradualmente desde a criação do projeto em 1972, culminou, em 2003 com sua integração à planta escolar. Atualmente o Projeto Sala de Leitura está entre os maiores projetos da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, considerado um dos destaques do ensino municipal.

Figura 9: Panfleto da Secretaria Municipal de Educação. O panfleto que divulga o Projeto Sala de Leitura, foi apresentado na Bienal Internacional do Livro

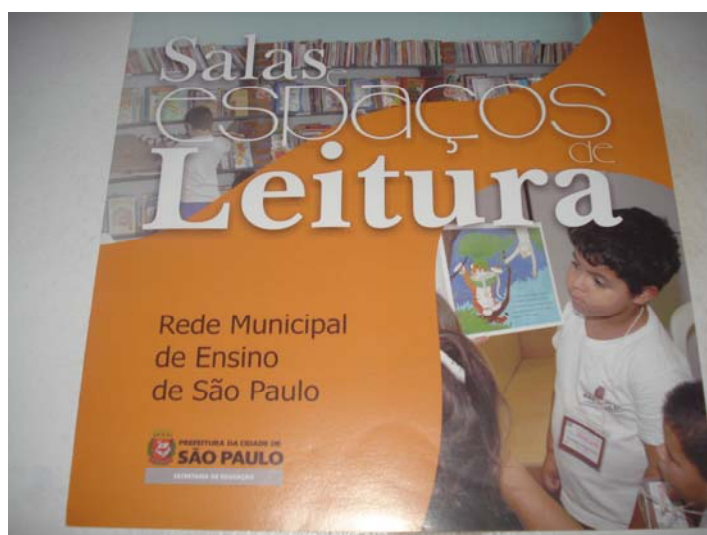
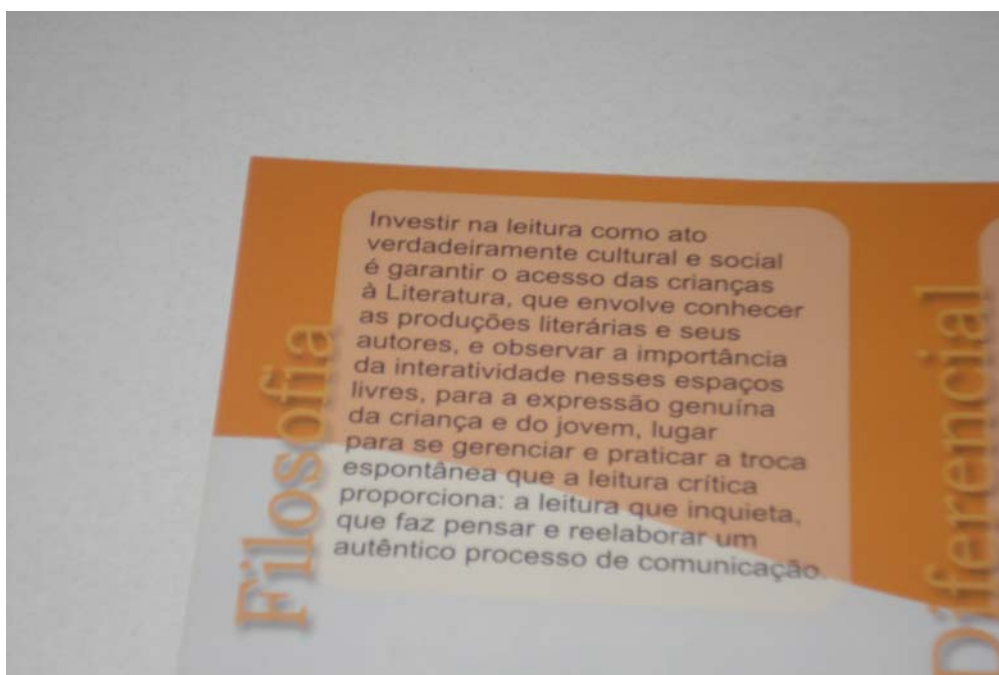


Figura 10: Parte interior do panfleto da Secretaria Municipal de Educação.



Hoje, a Sala de Leitura procura articular o processo de escrita por meio de atividades diversas, calcadas no trabalho do POSL que deve *transformar o ambiente da Sala de Leitura em local que instigue e motive a formação da comunidade de leitores* (SME, 2008). De acordo com o panfleto (Figura 11), a Sala de Leitura existe para *investir na leitura como ato verdadeiramente cultural e social*.

Figura 11: Detalhe do panfleto da Secretaria Municipal de Educação - Filosofia da Sala de Leitura.



Segundo o panfleto (Figura 12), o trabalho na Sala de Leitura desenvolve as habilidades de leitura.

Figura 12: Parte interior do panfleto da Secretaria Municipal de Educação

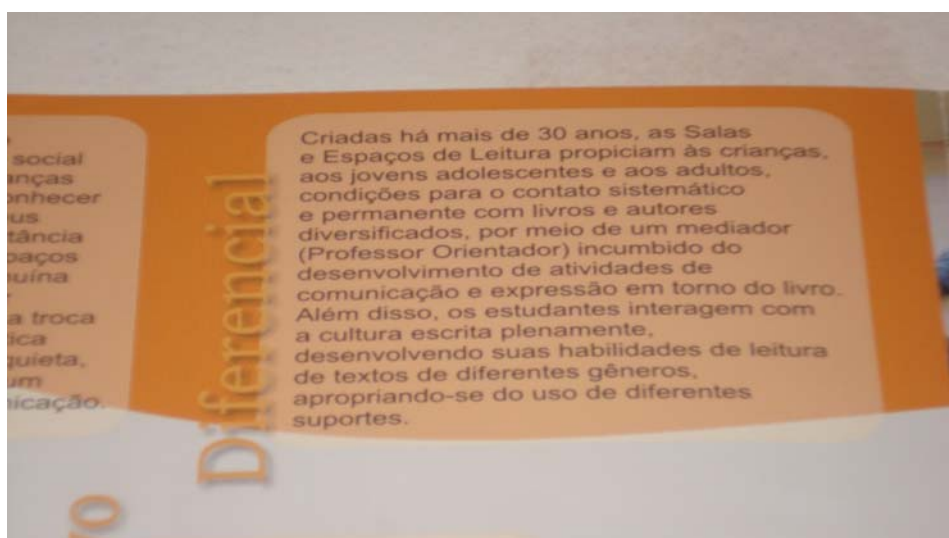
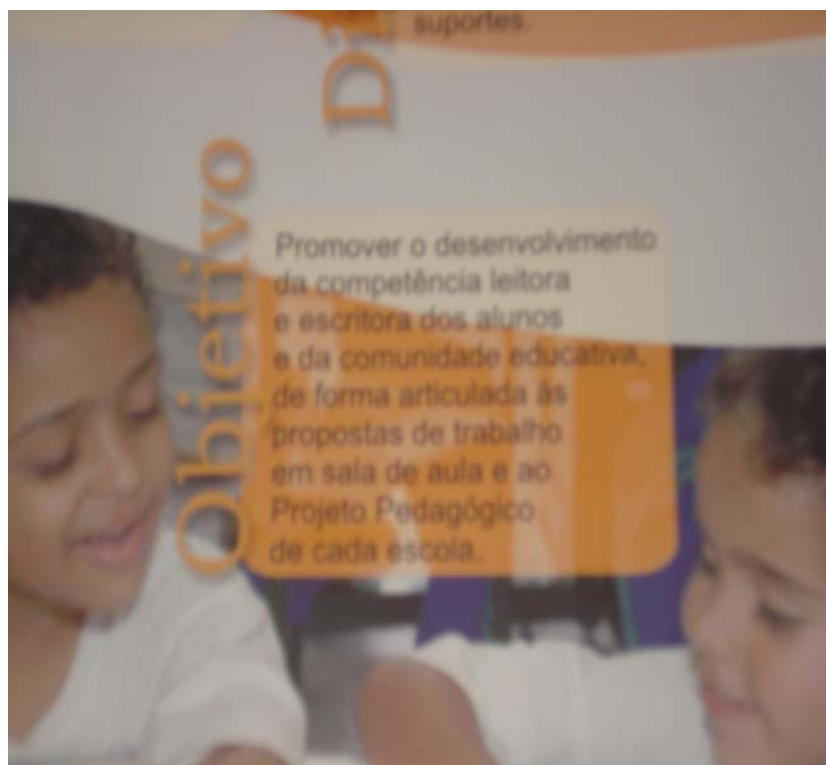
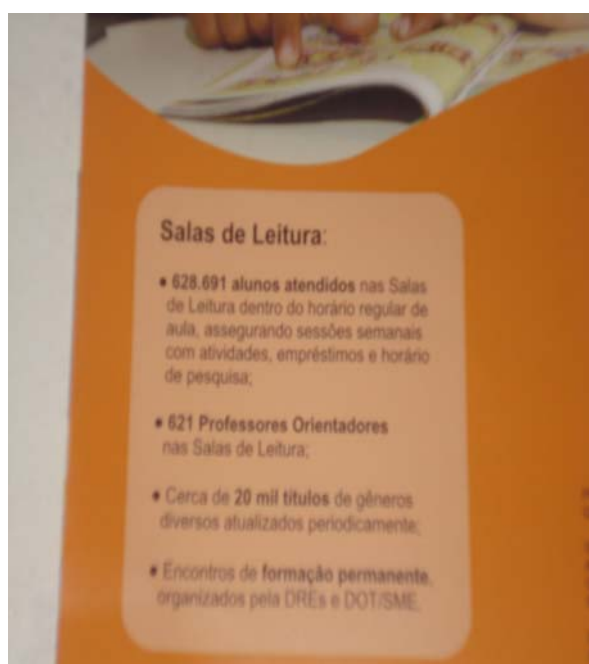


Figura 13: Detalhe do panfleto da Secretaria Municipal de Educação - objetivo da Sala de Leitura.



O objetivo das Salas de Leitura é desenvolver a competência leitura e escritora.

Figura 14: Parte externa do panfleto da Secretaria Municipal de Educação



O folheto da Secretaria Municipal da Educação, ilustrado nas imagens anteriores (Figuras de 9 à 14) apresenta alguns números do projeto – 621 professores orientadores, 20.000 títulos e 628.691 alunos participantes.

Diante das informações expostas no folheto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo questiona-se: de lugar adaptado a Sala de Leitura teria se transformado em um espaço material dado? Teria deixado de ser um espaço projetado para se tornar um lugar e um território pelas marcas subjetivas impressas pelo Professor Orientador de Sala de Leitura e pela comunidade escolar?

A Sala de Leitura, de acordo com os textos oficiais deve ser montada com um acervo mínimo de dois mil títulos. Cabe a escola designar um profissional para ocupar a função - POSL, inicialmente denominado Professor Encarregado de Sala de Leitura (PESL), para ministrar aulas semanais para cada turma além de cuidar do tombamento do acervo e organização do espaço.

A Revista comemorativa “Sala de Leitura 25 anos” (1997/acervo MTD), traz o relato de experiência de uma Sala de Leitura que se constituiu como espaço físico distinto na escola, mostrando a importância do orientador na construção desse espaço.

Tratava-se de um pequeno retângulo, no hall de entrada da escola. Suas paredes: três divisórias de madeira... No centro colocou-se um tapete... a parede do fundo foi decorada com um cenário, um painel com uma janela no centro, em volta sol, lua, estrelas e flores...(p. 9)

O depoimento da orientadora evidencia o esforço para *criar uma sala* e apropriar-se de um espaço projetado, criando um lugar.

A apostila de capacitação de orientadores de Sala de Leitura/1993 – acervo da MTD prescreve:

É imprescindível que o material da sala esteja organizado de forma tal que alunos e professores possam manuseá-los de maneira prazerosa... com a disposição do mobiliário, dos livros, o tombamento do acervo e o registro dos empréstimos (p.12)

O mobiliário deve ser disposto de modo funcional para possibilitar sua adaptação a diferentes situações, como a montagem de um palco para a dramatização de uma história ou a acomodação de crianças ou mesmo para a formação de grupos para a realização de atividades. O texto deixa claro que esteiras, tapetes e almofadas podem ser utilizados para acomodar de forma agradável as crianças para ouvirem uma história. O acervo deve estar disposto nas estantes, prateleiras ou cestos de modo sugestivo; materiais como lousas, quadros ou varais, podem ser muito úteis para a exposição de trabalhos. O texto menciona o livro de tombo e dá exemplos explícitos de como deve ocorrer o tombamento³. Todas as indicações do curso de capacitação baseiam-se nas regulamentações da Portaria 5.168, de 17 de junho de 1993.

Pedro Bandeira, em “Os (en)cantos da Sala de Leitura”⁴, relata uma de suas experiências de escritor em uma Sala de Leitura. A escola ficava em um bairro periférico com muitos problemas sociais e a professora pela Sala de Leitura podia propiciar muitas experiências de muitos alunos. *Na Sala de Leitura fica localizado o centro de terapia intensiva da educação [...] realidades como as das Salas de Leitura da Prefeitura de São Paulo devem ser ampliadas e reforçadas* (p.1).

No início de 2007, Bezarias, em *A Sala de Leitura e seus segredos*, apresenta uma descrição do ambiente da Sala de Leitura:

A sala é imensamente colorida. O primeiro ambiente está tomado por dez mesas de fórmica, cada uma com um séquito de cadeiras... pintadas em cores vivas, chamativas. Objetos decorativos espalhados com cuidado repetem os tons, poltronas postas no fundo, almofadas e assentos macios... E a profusão de cores não cansa a vista... verde-limão, amarelo, vermelho-vivo, azul-cobalto... No centro de cada mesa uma caixa porta-treco, feita em peças encaixadas que repetem os tons. (p. 1).

A Sala de Leitura apresentada poeticamente por Bezarias (2007) foi visitada e fotografada (pela autora) ilustrando a descrição do texto a respeito desse ambiente de leitura.

³ Tombo: registro dos títulos pertencentes ao acervo em livro próprio e em ordem numérica. O acervo deve ser registrado no livro de tombo de acordo com a ordem de chegada.

⁴ O texto, pertencente ao acervo da MTD, não possui data, mas pode-se inferir pelo teor dos relatos que foi produzido em meados dos anos 90, uma vez que foi utilizado nos cursos de formação dessa década.

Figura 15: Sala de Leitura. A foto revela a Sala de leitura descrita no texto de Bezarias, visitada e fotografada pela autora.



Foto tirada pela autora, 2007.

Figura 16: Sala de Leitura. A foto mostra o colorido do mobiliário e objetos da sala descrita no texto de Bezarias.



Foto tirada pela autora, 2007.

Tanto os documentos da MTD, quanto os textos de memória demonstram a consolidação do Projeto Sala de Leitura, suas atividades, características e configuração espacial. Prescrições, adaptações e distintas realidades, desde o

início da década de 1970, passam a compor a Sala de Leitura dentro da Rede Municipal de Ensino.

1.2 A Sala de Leitura hoje: processos, organização e configuração espacial

Na Figura 17, tem-se a imagem de uma Sala de leitura com ambiente colorido com mobiliário diverso: estantes de alvenaria, cadeiras de plástico e mesas de fórmica.

Figura 17: Sala de Leitura de uma escola da Zona Norte



Foto tirada pela autora, 2007.

Depois de mais de trinta anos, a Sala de Leitura tornou-se uma realidade comum às escolas municipais de São Paulo. Os números atuais apontam um total de uma Sala de Leitura para cada escola de Ensino Fundamental. Este dado representa a consolidação do projeto que ganhou grandes dimensões. Sendo 437 salas em Escolas de Ensino Fundamental (EMEF), 26 em Centros Educacionais Unificados (CEU), 8 salas nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio (EMEFM) e 6 em Escolas de Educação Especial (Secretaria Municipal de Educação, 2008). Um Projeto desta amplitude propicia a indagação: como funciona a Sala de Leitura hoje?

A Portaria 3.079 de 23 de julho de 2008 disciplina o funcionamento da Sala de Leitura e Espaços de Leitura, em escolas que não possuem local disponível para montar uma “sala”, ou em escolas de educação Infantil (EMEI), que não dispõem de um profissional designado para orientar os alunos com relação à leitura. A Portaria enfatiza que o objetivo desses ambientes é promover a inserção dos alunos na cultura escrita. O artigo 2º, incisos II e V, dispõe:

II – Despertar o interesse pela leitura, por meio do manuseio de livros, revistas e outros textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário.

V – Possibilitar o desenvolvimento do comportamento leitor e propiciar a formação de leitores autônomos (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2008).

O inciso VI aponta o interesse em utilizar a Sala de Leitura como meio para melhorar o desempenho dos alunos na Prova São Paulo⁵.

De acordo com a Portaria, o atendimento dos alunos na Sala de Leitura deve ocorrer em horário regular de acordo com o Projeto Pedagógico da Unidade, assegurando uma sessão semanal com duração de uma hora/aula (45 minutos) a cada turma da escola (art. 4º). O número de professores a serem designados para a função dependerá do número de classes de que a unidade dispõe. O artigo 6º no inciso I exemplifica:

I - Módulo de POSL:
 Nº de classes da Unidade - POSL
 de 17 a 33 classes - 01 Profissional
 de 34 a 50 classes - 02 Profissionais
 mais que 50 classes - 03 Profissionais.
 (Secretaria Municipal de
 Educação de São Paulo, 2008).

Além do atendimento semanal, o POSL deve garantir sessões para pesquisa, consulta bibliográfica e empréstimo fora do horário do aluno.

No tocante às atribuições do orientador de Sala de Leitura, o artigo 16º considera que é imprescindível que participe da construção do Projeto Pedagógico, do currículo e todas as atividades previstas no calendário escolar. Compete ao POSL planejar atividades para a Sala de Leitura, de acordo com o

⁵ Prova São Paulo – sistema de avaliação organizado pela Secretaria Municipal de Educação para aferir o desempenho dos alunos no Ensino Fundamental

Projeto Pedagógico da escola. O inciso II sugere algumas atividades que podem ser contempladas pelos orientadores:

- a) roda de leitura de livros de literatura;
- b) roda de leitura de textos científicos;
- c) roda de jornal;
- d) leitura de diversos gêneros;
- e) orientação à pesquisa para a realização de estudos ou de assuntos específicos;
- f) empréstimo de livros. (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2008).

O mesmo artigo determina que ao POSL cabe manter a infra-estrutura do espaço da Sala de Leitura: organizar o acervo, tomar os livros e adequar o espaço às diferentes atividades.

A Portaria menciona, ainda, a importância da criação e divulgação de um acervo circulante e a criação de projetos e sequências didáticas voltados para a leitura. O POSL, de acordo com a lei, é escolhido pelo Conselho de Escola e sua designação publicada no Diário Oficial do Município. Cabe à Diretoria de Orientação Técnica - DOT/SME a realização da formação inicial do profissional, em um estágio de 20 horas/aula numa Sala de Leitura em funcionamento. A cada ano, na 2ª quinzena de novembro, o POSL deverá ser avaliado pelo Conselho de Escola que decidirá por sua permanência ou não na função.

A Portaria, no artigo 3º, dispõe que o trabalho da Sala de Leitura esteja em consonância com os princípios do programa *Ler e escrever – prioridade da escola municipal*. Os espaços de leitura devem estar de acordo com os projetos *Orientações curriculares – expectativas de aprendizagem e orientações didáticas* e *Rede em rede: a formação continuada na educação infantil*.

A sedimentação do Projeto Sala de Leitura na Rede Municipal e sua utilização como veículo de promoção das políticas educacionais do Município levam à inclusão da Sala de Leitura na planta dos prédios escolares como um ambiente fixo na escola, a partir de 2003, com a construção dos primeiros Centros Educacionais Unificados.

Capítulo 2 – A pesquisa nas escolas

2.1 A escola atrás dos portões de ferro: perspectivas de um ambiente escolar

Figura 18: Escola 1. Os portões abertos dão acesso a área livre da escola.



Foto tirada pela autora, 2008

Na Escola 1 portões abertos, escancarados, foram um convite à livre entrada. Em um terreno amplo que abriga duas quadras, um parque de madeira e uma pista de *skate* ficava o prédio bem cercado por outros portões, bem fechados. A entrada no prédio, sempre anunciada por ininterruptas batidas nos portões de ferro, revelou o interior da escola, um espaço reservado, com pouca luz solar, iluminado apenas por lâmpadas artificiais. A entrada *social* situava-se num pequeno corredor que concentrava todo o núcleo administrativo da unidade: secretaria, diretoria, sala dos coordenadores pedagógicos e banheiros para professores e funcionários, com vista para o pátio.

Um dos coordenadores da escola fez a recepção e anunciou: - *É preciso conhecer a Sala de Leitura da escola, o trabalho da professora é excelente!* A propaganda entusiasmada pareceu um convite para adentrar ainda mais a

escola. O caminho para a Sala de Leitura passava pelo pátio. Descendo alguns degraus, depara-se com um novo e longo corredor, abarrotado de portas vermelhas, salas e mais salas.

Figura 19: Escola 1. A foto apresenta o pátio da escola em formato retangular, rodeado de grades e sem janelas.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 20: Escola 1 – o corredor da escola não possui janelas, apenas as portas que dão acesso às salas de aula.

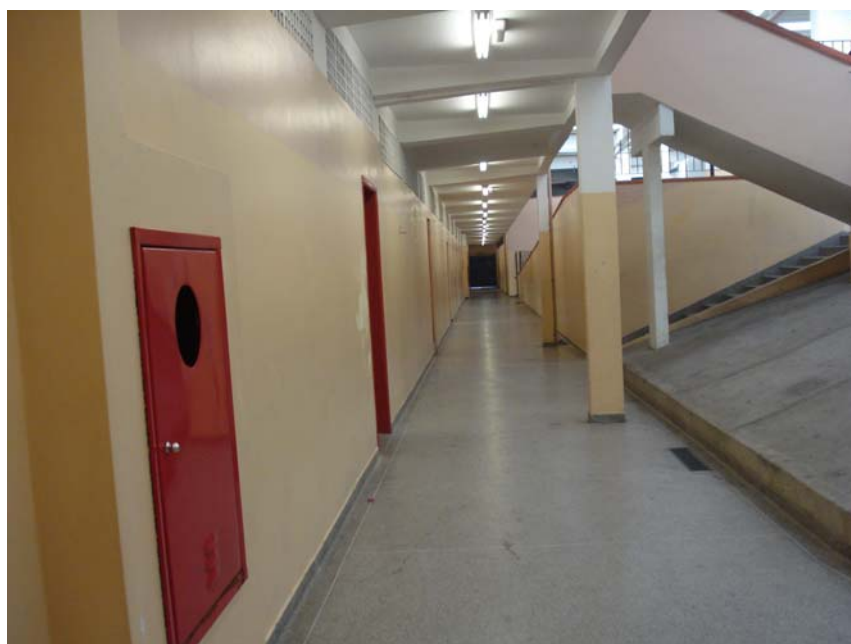


Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 21: Escola 1. A entrada da Sala de Leitura encontrava-se no fundo do imenso corredor de salas de aula.

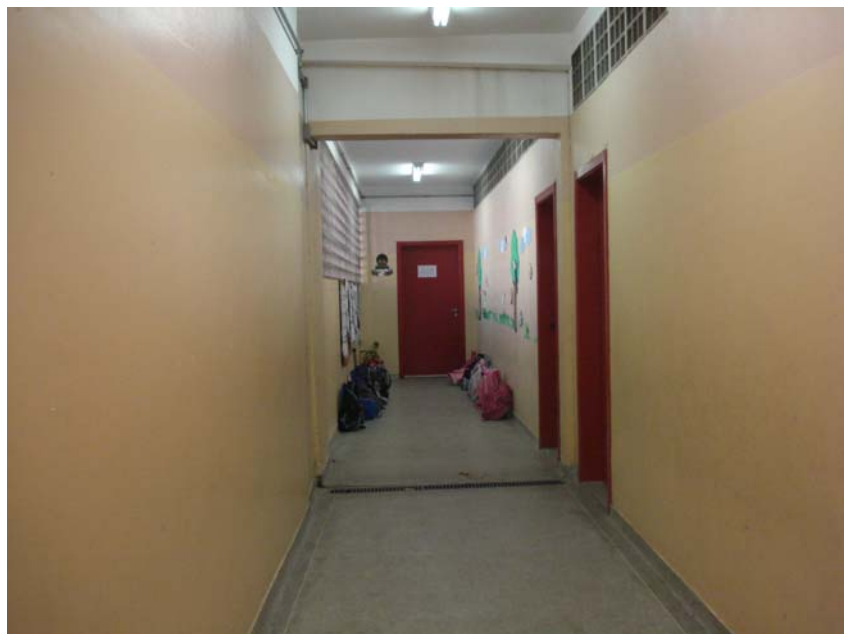


Foto tirada pela autora ,2008.

No final do corredor, uma porta destaca-se: a Sala de Leitura. Ao abrir a porta, revela-se a sala, as paredes cor de rosa revestidas de livros, mesas redondas de fórmica, muitas cadeiras, algumas estofadas, outras não. Alguns objetos inusitados chamaram a atenção: um tapete enrolado num canto, uma poltrona improvisada próxima ao tapete, um aspirador de pó sobre um armário de madeira.

Figura 22: Escola 1 – Sala de Leitura. A imagem revela elementos da sala: organização e limpeza do ambiente

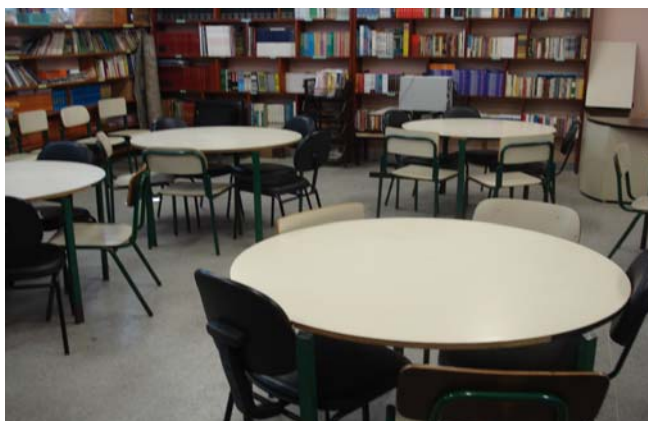


Foto tirada pela autora, 2008.

A sala contava com caixas de som instaladas nas paredes, bancada com computador, armário com televisor, pequenos cestos de plástico com alguns livros cuidadosamente selecionados, vasinhos com violetas, além das estantes de madeira que revestiam as paredes de livros.

Figura 23: Escola 1 – Sala de Leitura. Mais detalhes da organização da sala: estantes de madeira organizando os livros e alguns livros sobre a mesa.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 24: Escola 1 – Sala de Leitura – detalhe: tapete e poltrona adaptada.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 25: Escola 1 – Sala de Leitura – detalhe: cestos com livros e armário com televisor. O armário de ferro *trancado* guarda um televisor para ser utilizado na Sala de Leitura.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 26: Escola 1 – Sala de Leitura – detalhe: mesa com computador, vasos com violetas.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 27: Escola 1 – Sala de Leitura – detalhe: caixa de som próxima ao teto no fundo da sala.



Foto tirada pela autora, 2008.

Depois da longa e panorâmica olhada no ambiente chegou o momento de conhecer a POSL. Um sorriso receptivo e um aperto de mãos caloroso selaram o início do encontro. Há 11 anos na função, a professora revelou fatos interessantes da constituição do lugar da sala dentro da escola, fruto de sucessivas adaptações e readaptações. O acervo, composto por aproximadamente 13 mil títulos, foi organizado por temas e por “autores famosos”, com muitos exemplares, *como Monteiro Lobato e Machado de Assis*, exemplifica a professora. O mobiliário foi em parte enviado pela Prefeitura, em parte adquirido por solicitação da POSL, junto à direção da unidade, ou com uso de verbas governamentais, como estantes de madeira embutidas nas paredes, armários de madeira com porta e bancada para o professor. O aspirador de pó impede que a poeira tome conta do ambiente, danifique os livros ou prejudique a saúde dos usuários. A saúde! Comprado a pedido da professora, que passou a sofrer alergia por causa do pó dos livros na sala.

A POSL recomenda: - *É preciso falar com a vice-diretora, ela faz parte do início de todo o trabalho com a leitura nesta escola.* Da Sala de Leitura para a sala da direção!

A assistente de direção (AD) que trabalha na escola desde a inauguração, tendo sido professora de Língua Portuguesa e diretora, propõe-se a contar como iniciou o processo de formação da Sala de Leitura. Em 1972, a escola começou a funcionar em um barracão improvisado. Em 1975, passa para o prédio definitivo construído em uma antiga chácara do Estado. No ano seguinte um professor de Matemática e a professora de Língua Portuguesa, percebendo à necessidade do trabalho com a leitura e a ausência de livros na escola, montaram caixotes de madeira com livros doados por eles, outros professores e pessoas da comunidade e, puxando os caixotes com cordas, foram de sala em sala, contando histórias.

O trabalho despertou o interesse de muitos alunos e os livros nos caixotes foram ampliados até a composição de um pequeno acervo que foi guardado num depósito. Não havia na escola espaço para a montagem de uma Sala de Leitura, que, em meados de 1977, já era um projeto em expansão na Rede Municipal, mas sua organização dependia de espaço físico. Uma enchente durante as férias deteriorou o acervo guardado no depósito. Um grupo de alunos, professores e funcionários conseguiu recuperar alguns livros.

Nesse período, a professora de Língua Portuguesa já era diretora da unidade. Após uma reforma de ampliação, ela deveria informar à Secretaria de Educação o número de salas de aula para gerar novas vagas para matrícula. Ao término da reforma, a diretora omitiu uma sala do número total de salas de aula do prédio. A sala “vazia” foi utilizada para a criação da Sala de Leitura. Dispondo de espaço, a escola pode solicitar da Secretaria Municipal de Educação, mobiliário e acervo para a montagem da Sala de Leitura, além de providenciar junto ao Conselho de Escola a escolha de um professor para exercer a função de orientador.

A partir de então, a sala começou a se desenvolver, o acervo foi aos poucos ampliado e novos materiais adquiridos. Outras reformas ocorreram na escola e, a cada uma delas, a diretora tentava adaptar a Sala de Leitura às novas realidades espaciais. Mesmo após sua saída do cargo da direção para o de assistente, a professora de Língua Portuguesa contou orgulhosa sua participação na formação do espaço da Sala de Leitura na escola e ressaltou enfaticamente o valor da leitura na formação dos jovens: - *Quem lê mais, sabe mais.*

Com tantas informações, já foi possível penetrar, ainda que timidamente, na Sala de Leitura e indagar: como este lugar constituído de sucessivas mudanças interage com os que o frequentam? Esta questão exigiu novas visitas...

No segundo dia de visita deparei-me com o professor e seus alunos no ambiente da Sala de Leitura para o atendimento semanal. Alguns se sentam no tapete, outros, nas cadeiras. A POSL acomodou-se na poltrona adaptada com uma caixa de sapato revestida nas mãos e começou a contar uma história, do folclore, usando lenços coloridos que saíam de uma pequena abertura na tampa da caixa. Os alunos, vidrados, participavam da história imitando sons da chuva, acompanhando as cores dos lenços. Ao final, empolgados, aplaudiram a história. A POSL distribuiu pequenas cestas com livros pelas mesas da sala, os alunos saíram do tapete e dirigiram-se às mesas. A orientadora os incentivou a mexerem nos livros dentro das cestas, todos com lendas do folclore brasileiro. A aula terminou com empréstimos de livros de lendas para os alunos. Após a saída dos alunos, a POSL comentou orgulhosa o interesse dos alunos pela história e atribuiu o fascínio à 'caixa surpresa' e deu pistas das estratégias utilizadas para incentivar os alunos a lerem: - *Sempre coloco nas cestas títulos que se relacionam com os gêneros trabalhados na aula, isto desperta o interesse deles.*

Figura 28: Escola 1 – detalhe: cestos com livros. Os livros nos cestos encontram-se sobre uma mesa com fácil acesso aos alunos.



Foto tirada pela autora, 2008.

Esses fatores dão impressão de que o funcionamento da Sala de Leitura é perfeito... Perfeito? Ao ouvir a palavra perfeição a professora esboçou um sorriso amarelado... Nem tudo é perfeito. A composição do acervo, cursos e lugar são alguns dos problemas que interferem no desenvolvimento do trabalho na Sala de Leitura.

Segundo a orientadora e de acordo com o histórico da sala, sucessivas adaptações e readaptações marcaram a constituição do lugar da Sala de Leitura. A cada reforma, o desafio da POSL, junto à direção da escola e engenheiros, tem sido manter o lugar da Sala de Leitura dentro da planta da escola, não permitindo que seja transformado em uma sala de aula. A POSL confessou que, desde 1997, ano em que assumiu a função na unidade, algumas reformas protagonizaram incansáveis lutas em defesa da permanência do lugar: - *Cheguei a discutir com os pedreiros e o mestre de obra, na última reforma da escola para que tomassem cuidado para transportar os livros.* Em seguida a POSL dirigiu-se a uma gaveta e retirou duas folhas de caderno escritas a lápis. As folhas eram parte do rascunho de uma avaliação do trabalho com a Sala de Leitura em 2001, por outra orientadora, já aposentada (Anexo 2).

A avaliação apresentou fatores considerados ranços e avanços para o desenvolvimento da leitura. Entre os fatores negativos: a falta de exemplares dos livros, ausência de professores, obrigando à substituição do professor pelo POSL (de acordo com a legislação vigente em 2001), e poucos cursos de formação para os orientadores. No tocante aos avanços, o destaque foi a Feira do Livro, realizada com a presença do ilustrador Marcelino Vargas, da Editora Paulus (Anexo 3).

A Feira do Livro é um evento que vem sendo realizado pelas orientadoras na Sala de Leitura, todos os anos, uma vez por ano. Em certas edições da Feira a escola contou com a participação de editoras. O ilustrador Marcelino Vargas desenvolveu uma oficina de ilustração com os professores da escola em 2001. Rosaly Stefany, autora de *Leitura, que espaço é esse* – texto que menciona e valoriza o espaço da Sala de Leitura, atuou como POSL (Anexo 4). A avaliação terminou com uma frase de desabafo da professora: *Este espaço na escola é de extrema grandeza.*

A POSL guardou cuidadosamente as folhas de caderno na mesma gaveta, afirmando concordar com a avaliação.

Após a conversa com a POSL, a visita se expandiu pela escola, a convite da própria orientadora: - *Vamos conhecer a nossa escola?* Convite irrecusável!

A escola tinha proporções bem grandes, 17 salas de aula em 4 turnos; nos três primeiros turnos 595 alunos, no último (noturno) 420 alunos, ou seja, a escola possuía 2.205 alunos. O 1º turno era das 6h50 às 10h50; o 2º turno das 11h às 15h; o 3º turno das 15h10 às 19h10 e o 4º turno das 19h10 às 23h10. Para uma escola desse porte, o ambiente parecia bem calmo e organizado, sempre com o burburinho característico de uma escola cheia de alunos!

Figura 29: Escola 1. Apesar das diferenças na organização da Sala de Leitura, a sala de aula é organizada nos moldes tradicionais.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 30: Escola 1 – sala de aula – detalhe: carteiras.



Foto tirada pela autora, 2008.

O prédio era bem limpo... e fechado. O espaço aberto da escola era completamente 'aberto ao público'! A escola estava situada no distrito de Capão Redondo, na Zona Sul, bairro pobre, residencial e sem opções de lazer, a área aberta da escola parecia ser o 'o ponto de encontro' das crianças e jovens da região.

Figura 31: Escola 1 – Vista do prédio. Na foto vê-se a estrutura do prédio com poucas janelas e aberturas.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 32: Escola 1 – Vista do bairro a partir do telhado da escola. Revelando uma ocupação desordenada e falta de infra-estrutura.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 33: Escola 1 – ‘quintal da escola’ – 2ª quadra poli esportiva e pista de skate de livre acesso à comunidade.



Foto tirada pela autora, 2008

Figura 34: Escola 1 – ‘quintal da escola’ – parque ao lado da 1ª quadra poliesportiva.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 35: Escola 1 – ‘área livre da escola’ – entrada. A foto mostra a entrada da escola pintada por jovens da comunidade.



Foto tirada pela autora, 2008.

Na proposta pedagógica cedida pelo coordenador foi possível conhecer o planejamento da Sala de Leitura. De acordo com o coordenador, um dos objetivos da unidade é otimizar cada vez mais o acesso à Sala de Leitura. Já o planejamento da POSL contempla objetivos como:

- Permitir que o aluno amplie sua visão de mundo pela da compreensão e interpretação de textos e artigos voltados à realidade e o seu meio
- Desenvolver junto aos alunos o gosto e o hábito da leitura, tornando-os leitores seja num momento de lazer, informação ou pesquisa.
- Proporcionar uma reflexão sobre os valores transmitidos através da leitura. —Conhecer, compreender e analisar os diferentes gêneros literários.(Planejamento Sala de Leitura Escola 1 – Anexo 5).

Estratégias de trabalho:

- Leitura coletiva ou em pequenos grupos; silenciosa ou em voz alta.
- Criar um ambiente de relaxamento e descontração.
- Apresentar aos alunos uma variedade de histórias e gêneros literários, relatar sobre os autores, estimulando comentários e discussões depois das sessões de leitura.
- Comparar textos literários com a realidade
- Orientá-los à pesquisa colocando à disposição fontes variadas.(Planejamento Sala de Leitura – Anexo 5)

O planejamento previa dois projetos com diferentes portadores textuais: leitura de poesias e cantigas de roda.

Qual o efeito da Sala de Leitura entre os sujeitos da escola? Um questionário respondido por 37 alunos, de uma classe 3º ano do ensino fundamental revelou algumas pistas do uso da Sala de Leitura na escola. A primeira pergunta do questionário (Anexo 1): Você gosta de ler? – obteve resposta positiva de todos os que responderam ao questionário. As demais perguntas apresentaram os seguintes dados:

Figura 36: Escola 1 – Respostas dos alunos

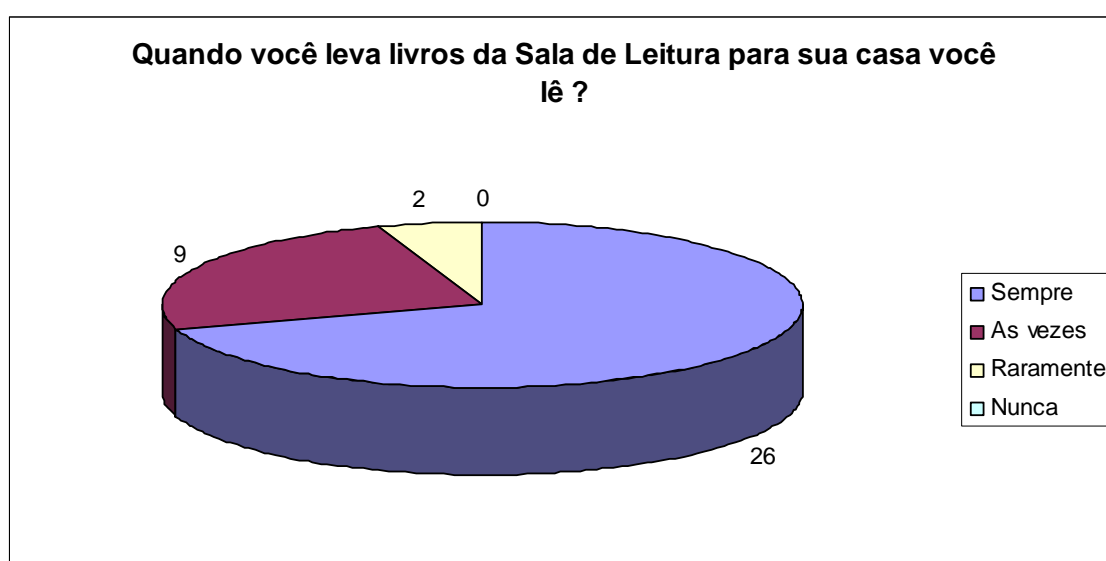
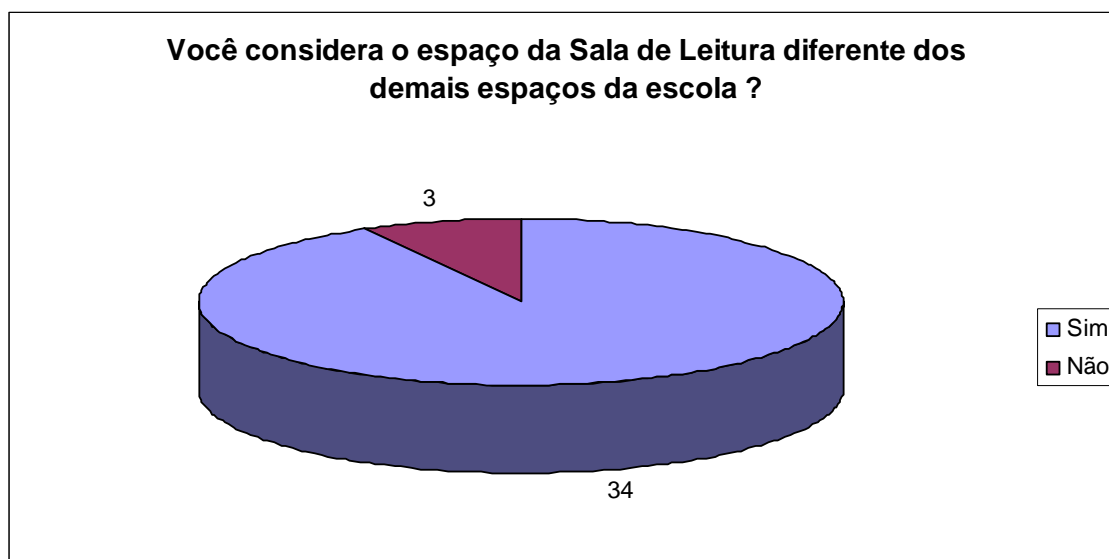


Figura 37: Escola 1 – Respostas dos alunos



Figura 38: Escola 1 – Respostas dos alunos



As respostas revelaram a valorização da Sala de Leitura por parte dos alunos. Grande parte deles lêem os livros emprestados e consideraram o espaço de leitura importante dentro da escola. Depois de muitos dias de visitas, muitas fotografias, perguntas e questionários despedi-me da escola, fechando a porta da Sala de Leitura no final do corredor.

2.2 Espaço amplo e organizado – será de fato o CEU?

Figura 39: Escola 2 – piscina.



Foto tirada pela autora, 2008

A chegada impressionou: amplos portões, catracas para regular a entrada, árvores e seguranças a postos; não se trata de uma 'escola', era um complexo educacional e cultural, CEU (Centro Educacional Unificado). Ao transpor as catracas foi preciso a ajuda dos seguranças para obter informações. O lugar era amplo, composto por vários prédios rodeados de árvores e placas com indicações. Piscinas, parque, pista de skate, biblioteca municipal, anfiteatro, estacionamento, telecentro (programa de informática popular da Prefeitura de São Paulo) e uma série de cursos para os habitantes do bairro ocupavam o andar térreo do ambiente. Segundo as indicações foi preciso subir as escadas para ter acesso às escolas de educação infantil e ensino fundamental. Ao 'pé da escada' grades fechadas impediam a passagem. Um novo segurança em frente à grade questionou: - *Onde deseja ir?*

Depois de novas indicações e alguns degraus chegou-se à secretaria da escola de ensino fundamental, um funcionário repetiu a mesma pergunta do segurança nas escadas. Ao ouvir a resposta, saiu em direção da sala da diretora. Retornou e informou: *É só subir mais um lance de escadas*. Subi as escadas à procura da Sala de Leitura. Um olhar ao redor impressionou: a limpeza do ambiente era impecável; organização irretocável. Porém quanto à integração entre os ambientes dos alunos do ensino fundamental e da educação infantil... Um pequeno detalhe modificava o cenário, uma grade com um portão ao qual apenas os funcionários tinham acesso separava os alunos pelo nível de escolarização.

Figura 40: Escola 2: Escadas de acesso a EMEF e grades de separação entre o prédio da EMEF e o prédio da EMEI.



Foto tirada pela autora, 2008.

As salas de aula e os demais ambientes, todos de vidro, que davam visibilidade ao interior das salas eram cobertas por grossas cortinas graciosas e coloridas que parecem cumprir a função de ‘paredes’.

Figura 41: Escola 2 – entrada de uma sala de aula.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 42: Escola 2 – sala de aula vista através do vidro.

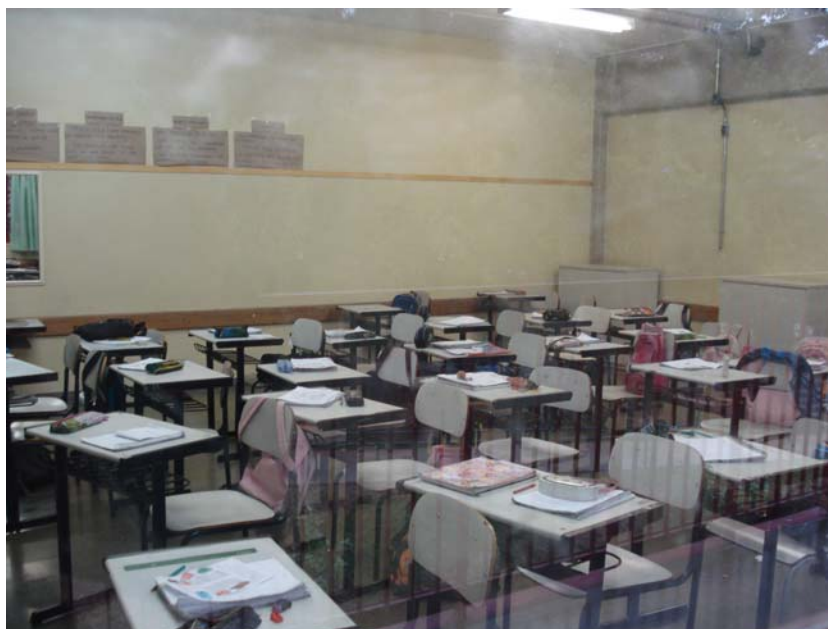


Foto tirada pela autora, 2008.

Chegando à Sala de Leitura, a professora veio atender. A sala estava vazia (sem alunos). Após as apresentações a POSL parecendo fatigada disse que infelizmente tinha pouco tempo para conversa: logo em seguida teria que receber os alunos... Diante das perguntas a respeito do funcionamento da Sala de Leitura a orientadora se sentiu incomodada e perguntou: - *nada vai ser dito à diretora, não é?* Depois de estar segura quanto ao sigilo das informações, resolveu falar abertamente.

Há dois anos na função a professora se disse extremamente cansada de exigências, como a obrigatoriedade de atender a todos os alunos da escola, que funcionava em dois turnos, com 12 classes em cada turno e um turno noturno com 7 classes. De acordo com a Portaria 3.079 de 23 de julho de 2008, as escolas que possuíam entre 17 e 33 classes podiam dispor apenas de 1 profissional para a Sala de Leitura. A professora, com voz rouca, afirmou que, desde que assumiu a função, tem tido problemas de saúde em função do desgaste físico.

De acordo com as novas ações políticas da Secretaria Municipal de Educação, a escola atendia os alunos em dois turnos de cinco horas. Entretanto, os professores continuavam tendo suas jornadas de trabalho e salários para o período de quatro horas diárias. As mudanças de horários nas escolas de Ensino Fundamental da RMESP estavam acontecendo nas novas escolas – CEUs – e nas antigas à medida que ocorriam as ampliações. Muitas escolas ainda atendiam os alunos em 4 turnos diurnos de 4 horas.

Os professores podiam optar entre três diferentes jornadas: JB – jornada básica, com 20 horas semanais mais 1h/a para atividades; JBD – jornada básica docente, em que o professor tinha que cumprir três horas/aula a mais para preparação de atividades, e JEIF – jornada especial integral de formação: o professor devia participar semanalmente das discussões dos Projetos Estratégico de Ação (PEA) da unidade, que serviam para a formação continuada. Cada jornada tinha um número específico de horas/aula extras, chamadas horas-atividade para planejamento de aulas, leituras, entre outras. No CEU, como nas demais ‘escolas de cinco horas’, durante as horas-atividade dos professores o ‘horário extra’ dos alunos era complementado com as aulas de: sala de informática, educação física e leitura. Atividades como a Sala de Leitura, se tornaram uma espécie de ‘quinta aula’ para complementar o horário

dos alunos, sem que fosse necessário modificar as jornadas e, conseqüentemente, os salários dos professores.

A professora concluiu: *Os professores não têm obrigação de acompanhar as atividades na Sala de Leitura, a orientadora desenvolve os trabalhos com os alunos sozinha. Por isso, por não conhecerem o trabalho, muitos professores não valorizam a Sala de Leitura.*

Para a direção, a Portaria 3.079/08 dispunha que a POSL devia auxiliar o Programa Ler e Escrever, da RMESP, transformando a Sala de Leitura em uma 'sala de aula com livros'. As mesas redondas foram substituídas por carteiras os livros, alocados nos cantos para dar espaço para os alunos sentarem. A orientadora mostrou com tristeza as carteiras ocupando o espaço da sala e *como se não bastasse, - diz a Sala de Leitura passou a ter que dividir espaço físico com a sala de vídeo.* A escola não possuía um espaço determinado para montar uma sala de vídeo. A escola possuía aparelho de TV e DVD que um carrinho podia transportar entre as salas, mas os professores desejavam um local específico para vídeos, decidiram por dividir e organizar a sala de vídeo dentro da Sala de Leitura.

Figura 43: Escola 2 – Sala de Leitura. De acordo com a imagem, a Sala de Leitura apresenta carteiras enfileiradas de modo semelhante às salas de aula.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 44: Escola 2 – Sala de Leitura. A figura ilustra as estantes encostadas na parede, dividindo espaço com as muitas carteiras.



Foto tirada pela autora, 2008.

A Sala de Leitura se transformou em uma sala de aula com estantes, apertadas no ambiente. Todos os móveis e objetos eram novos e apropriados, contudo, não eram utilizados como deveriam. As mesas redondas foram em sua maioria retiradas e substituídas por carteiras. Parte das estantes servia como divisória entre a Sala de Leitura e a sala de vídeo. E o acervo? Pouco mais de 3 mil títulos. Para a POSL, faltavam clássicos e mais exemplares dos livros de literatura infantil.

- *Para realizar um bom trabalho muitas vezes preciso fazer cópias dos textos para que os alunos tenham acesso. A maioria dos livros que chegam aqui são sobras da biblioteca lá de baixo.* – disse a orientadora. A ‘biblioteca lá de baixo’ era a biblioteca municipal situada no andar térreo do CEU, junto ao complexo ‘cultural’. A POSL afirmou que a Sala de Leitura não recebia títulos com a mesma frequência que a biblioteca e, muitas vezes recebia ‘sobras’ desta.

Com pouco acervo e pouco espaço, além da exigência de ajudar no processo de alfabetização, a professora da Sala de Leitura foi obrigada a trabalhar com a escrita e não apenas com a leitura. Os alunos possuíam um

caderno de Sala de Leitura, no qual realizavam as atividades propostas pela POSL. As aulas eram muito parecidas com aulas de Língua Portuguesa. A orientadora acreditava que a leitura estava desprivilegiada em relação à escrita, mas eram exigências da direção e da proposta pedagógica da escola. *Não há tempo para músicas, ou fantoches, eles têm que escrever! E, em contrapartida os professores não acompanham o trabalho e não o valorizam.* Apenas os professores do noturno, acompanhavam a Sala de Leitura porque o turno continuava sendo de 4 horas. Esses valorizavam o que a professora desempenhava na sala. Para a POSL o não acompanhamento dos professores era um retrocesso e um entrave.

A professora após muito desabafo, fez uma pausa, a voz estava desgastada, revelando que tinha desejo de sair da Sala de Leitura e voltar para a sala de aula, por falta de valorização e por excesso de trabalho.

- *Muitas vezes peço mais livros para a direção, mas nunca vêm a diretora sempre diz essa verba não é pra isso* – completou. Para a professora, a gestão da escola não estava preocupada com a Sala de Leitura. Ao terminar as revelações a POSL mais uma vez pediu para que não nada fosse revelado a diretora da escola, e disse também que *o CEU é muito visado, são muitas exigências, tento diversificar mais o trabalho, mas não consigo.*

Figura 45: Escola 2 – Sala de Leitura/detalhe: únicas mesas redondas que restaram na sala.



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 46: Escola 2 – Sala de Leitura/mesa do professor, lousa, carrinho com aparelho de TV



Foto tirada pela autora, 2008.

Figura 47: Escola 2 – Sala de Leitura/detalhe ao fundo estantes viradas dividindo o lugar com a sala de vídeo.



Foto tirada pela autora, 2008

Figura 48: Escola 2 – local utilizado para da sala de vídeo.



Foto tirada pela autora, 2008.

Entretanto existiam também aspectos positivos no trabalho com a Sala de Leitura no CEU: a professora afirmou garantir o acesso dos alunos ao livro e que todos os alunos faziam empréstimos!

Depois da longa conversa, a professora recebeu os alunos, que entraram na sala com suas mochilas, sentaram-se e pegaram seus 'cadernos de sala de leitura'. A professora foi para a lousa e iniciou uma história infantil. Após a aula, uma olhada pelos ambientes da escola, no corredor o encontro com alguns professores que olhavam desconfiados como quem diz: *Quem é você? Ou o que faz aqui?* Seguranças da escola faziam a pergunta que os professores queriam fazer: *O que está fazendo aqui?*

Uma situação um tanto desconcertante, diante dos inúmeros olhares vigilantes, mas a investigação tinha que continuar... Batendo de porta em porta, pedindo aos professores que gentilmente colaborassem com a pesquisa ou que permitiam que seus alunos colaborassem...Entre os alunos, 45 responderam ao questionário. Respostas afirmativas à primeira questão que indagava a respeito do gosto pela leitura conforme a figura a seguir:

Figura 49: Escola 2 – Respostas dos alunos.

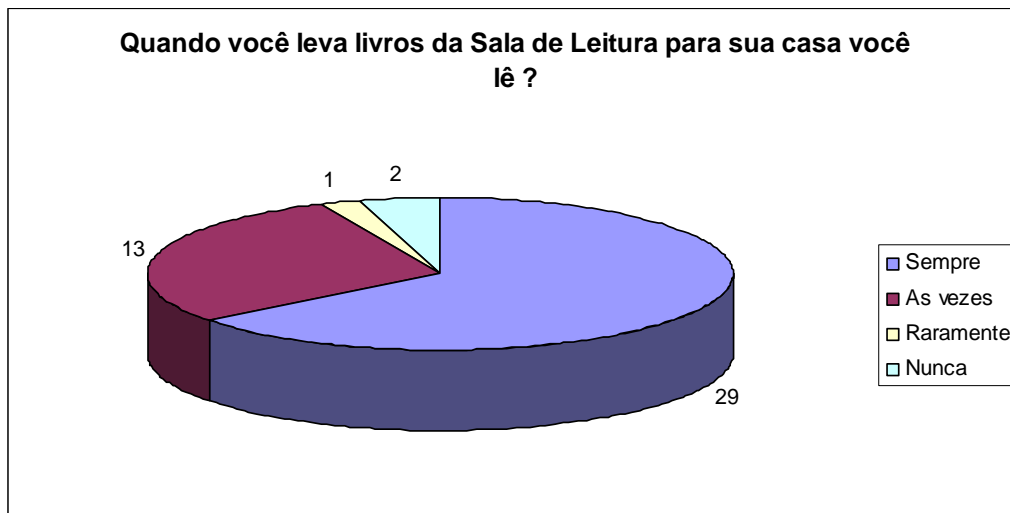


Figura 50: Escola 2 – Respostas dos alunos.

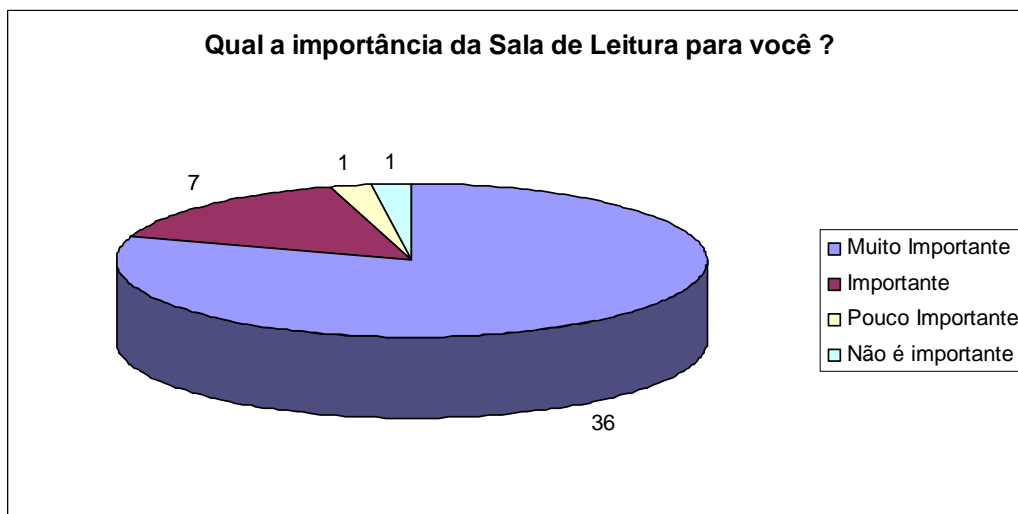


Figura 51: Escola2 – Respostas dos alunos.



Assim como na Escola 1, os alunos também revelaram que valorizavam a leitura. Contudo, na Figura 51 um número crescente de alunos não consideraram a Sala de Leitura diferente dos demais espaços da escola, o que não ocorreu na Escola 1, onde os alunos enfatizaram as diferenças da Sala de Leitura.

Uma bela escola, um lugar bem organizado, mas muito pouco receptivo. Depois das muitas dificuldades para a obtenção de dados – muitos não foram revelados – só restou descer as escadas.

Capítulo 3 – A análise dos dados

3.1 As contradições entre o ‘aberto’ e o ‘fechado’ nos espaços escolares.

Os portões escancarados deram impressão de abertura (Figura 17) o terreno amplo aumentou ainda mais essa noção. Entretanto, no lado direito do terreno, estava o prédio escolar: completamente fechado – portões cerrados, entradas de luz apenas através das janelas das salas – isolamento completo da parte exterior. Viñao Frago (2001 p. 89-91) ressaltou que os espaços abertos e não edificados, foram pensados para coibir o isolamento da escola, mas não encontraram grande relevância. Tentativas, como a da pedagogia froebeliana, foram um exemplo dessa busca de ruptura, mas que não encontrou muitos adeptos. A predominância nas construções escolares é de ambientes fechados, com pequenas aberturas e separados uns dos outros (Viñao Frago, 2001).

Na Escola 1 o ambiente aberto externo, não-edificado contrastou com o prédio extremamente fechado. Após transpor o portão principal do edifício, no hall de entrada encontrava-se todo o núcleo administrativo da unidade: salas da direção, coordenação e secretaria. Embora ligados pelo hall, eram todos separados por paredes e fechados. O hall era completado por banheiros para uso exclusivo de funcionários. A localização do setor administrativo – imediatamente após a entrada – podia indicar a posição e a importância da direção da escola perante a comunidade escolar. O lugar reservado para o atendimento a população era uma janela pequena e gradeada, semiaberta, impossibilitando qualquer contato físico entre os funcionários da escola e o público reafirmando ainda mais o isolamento!

Após o hall, havia uma grade e o pátio, reduto dos alunos em forma retangular e extenso, rodeado de um lado pelas grades que davam acesso às salas e aos banheiros dos alunos e um portão que dava acesso a outro pátio também retangular. Ambos os pátios eram cobertos e não possuíam quaisquer tipos de aberturas externas (Figura 19). Esses formatos rígidos e fechados

confirmavam a tendência ao isolamento e a facilidade de vigilância dos alunos nos momentos coletivos (Viñao Frago, 2001, p. 109). A preferência por estruturas rígidas, traços retos em detrimento dos curvilíneos na distribuição interna dos ambientes escolares é vista por Viñao Frago como base para o sistema de controle dos alunos (2001, p. 107-110). Transpondo algumas grades e um pequeno lance de escadas deparava-se com os corredores das salas de aula. O corredor inferior levava à Sala de Leitura (Figuras 20 e 21): reto, comprido e povoado de portas vermelhas. A vigilância continuava facilitada, o isolamento privilegiado e as formas, rígidas e perceptíveis. As salas de aula eram semelhantes entre si, a julgar pela quantidade de carteiras individuais, duas lousas, janelas muito altas e distantes dos alunos, alfabetos pintados sobre a lousa principal, tudo era cercado por fronteiras retangulares (Figuras 29 e 30). A rigidez dos espaços das salas de aula contrastava com a atividade dos alunos e professores, que interrompiam o silêncio do espaço tornando-o um 'lugar habitado'.

No final do corredor inferior, podia-se observar o mesmo isolamento e rigidez na Sala de Leitura. Todavia, a disposição do mobiliário e objetos demonstravam mudanças consideráveis nos traços predominantes da Escola 1, como aspecto, a substituição das carteiras individuais por mesas redondas grupais, substituição do reto e rígido pelo curvilíneo e flexível (Figuras 22, 23 e 27). A sala era quadrada, as paredes tomadas por prateleiras de madeiras, revestida com livros (Figura 23), alguns armários com portas fechadas, uma mesa de madeira com um computador e um detalhe inusitado e diferente: uma poltrona estofada com almofadas e um tapete, utilizados para contar e ouvir histórias (Figura 24). Além desse mobiliário alguns objetos como cestos com livros e plantas compunham a dinâmica do ambiente.

Na Escola 1 muitos elementos constitutivos do ambiente da sala foram criados por esforços conjuntos da orientadora e assistente de direção. A sala surgiu de caixotes de madeira, passando por um depósito, em seguida, uma sala de aula e resistiu a duas reformas, mudando apenas de localização.

O histórico de sua constituição mostrou a Sala de Leitura como um lugar diferente dos demais lugares da Escola 1, porque conseguiu romper, ainda que parcialmente, com as estruturas rígidas da construção e apresentou elementos decorativos diversificados. A Sala de Leitura nasceu de um desejo dos sujeitos

da escola atrelado às possibilidades da Prefeitura que permitiu doações e adaptações para a construção de Salas de Leitura e, desse modo, constituiu-se como um lugar.

Um lugar alocado dentro de outro lugar – a escola – inseridos em um contexto amplo: o social. Um bairro economicamente pobre, sem planejamento urbanístico em que a fronteira das casas confundia-se uma com a outra (Figura 32). Nesse contexto a escola estranhamente abria-se como lugar disponível para se tornar o lugar das brincadeiras, da diversão e do convívio em sua parte externa, e se fechava-se no interior de seu prédio como uma fortaleza que desejasse se proteger do ‘mundo externo’ (Figura 31) mas que era habitada por ele. A limpeza do chão e das paredes, a pintura uniforme e a bagunça ‘ordenada’ demonstravam que a escola tentava conter a ‘desordem do espaço externo’ pelos mecanismos de vigilância e controle em seu interior. E a Sala de Leitura? Esta se apresentava como um lugar diferente dentro da escola, pelos seus traços menos rígidos e mais convidativos. Um território subjetivo onde os sujeitos da escola podiam romper, mesmo parcialmente, com a intransigência dos demais lugares do prédio. A construção coletiva do lugar favoreceu os sentimentos de propriedade e pertencimento, que pode ser observado nos depoimentos dos membros da própria escola, ao exaltarem a sala como um lugar especial dentro da escola. O coordenador pedagógico convidou animadamente para conhecer a sala, a orientadora relatou com paixão as lutas para manter o espaço vivo a cada reforma do prédio, a assistente de direção com lágrimas nos olhos relatou o surgimento da sala, desde os caixotes com poucos livros trazidos de casa... Todas essas evidências apontaram a existência de um lugar, ocupado e percebido unicamente por um processo cultural intrinsecamente ligado aos que constituíram e constituíam sua história, uma *realidade psicológica viva*, segundo Viñao Frago (apud Mesmin, 1973, p. 16). O lugar pode ser qualificado como tal em virtude dos aspectos que o compõem: estabilidade, independência física e especificidade (Viñao Frago, p.18. In: Bencostta, 2005). A estabilidade pode ser observada nas sucessivas e bem-sucedidas lutas pela permanência do espaço, em meio a reformas e adaptações no prédio escolar. A independência física foi perceptível pelas diferenças entre a Sala de Leitura e as demais salas da Escola 1 e a

especificidade foi assegurada pelos dispositivos legais que garantiram que o espaço deviam ser utilizado para a promoção da leitura.

Viñao Frago (In:Bencostta, 2005) sublinha a importância de analisar os espaços escolares à medida que eles resultam em um lugar-território, *específico, demarcado, poroso e sedimentado* (p.19). A análise que a Escola 1 atuava ao mesmo tempo como espaço aberto (parte externa) e fechado (parte interna), propiciava à comunidade uma percepção grupal de localidade demarcada pelas linhas que circundavam o prédio, mantendo-o claramente separado. Era um lugar permeado de segmentações: pátio, salas, banheiros...e Sala de Leitura que surge como um território, limitado por uma porta, que, quando aberta, invadia o corredor com o colorido de seus objetos e ornamentos. A Sala de Leitura da Escola 1 era também rodeada de contrastes. Apesar de toda a valorização que lhe conferia *lugar* de destaque a Sala se encontrava no final do corredor inferior, ou seja, era o último ambiente do prédio, afastado do conjunto de salas de aula, o que poderia representar o esquecimento por parte dos que estão na escola. Entretanto, com base nos relatos da Escola 1 pode-se inferir que o distanciamento é uma tentativa de manter o espaço, apesar das reformas de ampliação (para atenderem a necessidade do aumento de vagas).

Desse modo, a Sala de Leitura vem sobrevivendo às mudanças arquitetônicas e espaciais, graças aos esforços dos que a povoavam. Toda a importância depositada no ambiente de leitura, não é exclusividade. Ao longo da história da Escola no mundo, muitos períodos foram marcados pela valorização das Bibliotecas escolares nos planos arquitetônicos (2005, p. 21). Bibliotecas ou salas, são destinadas à leitura e ganham prestígio à medida que a leitura é estimada culturalmente.

3.2 A arquitetura como veículo de inovação?

Quando da inauguração do primeiro Centro Educacional Unificado (CEU), seu modelo arquitetônico e estrutura organizativa geraram grandes expectativas. Seria um lugar diferente para a educação, aberto, integrando os níveis de ensino em um mesmo ambiente e abarcando atividades culturais,

esportivas e sociais... Ah! Sem mencionar a grande inovação: uma Sala de Leitura na planta do prédio, não havendo mais necessidade de sucessivas 'brigas' por parte dos membros da escola para conseguir um lugar disponível para a montagem da Sala de Leitura... Uma verdadeira revolução: lazer, cultura, educação e programas sociais, tudo em um mesmo espaço, sem mencionar a beleza... diante dos velhos prédios escolares quadrados e rodeados por um muro e um portão...

A Escola 2, objeto desta pesquisa, foi um dos primeiros CEUs inaugurados no Município de São Paulo. A beleza continuava impressionando, o terreno tinha proporções colossais. Árvores nativas da antiga chácara tornavam a beleza ainda mais contundente, formando um bosque que envolvia os prédios, também admiráveis... As escolas de ensino fundamental e de educação infantil compartilhavam o mesmo prédio? Ao subir as escadas que davam acesso ao interior do edifício, harmoniosas grades separavam um lado do outro e mantinham os alunos em suas devidas escolas, apenas os funcionários da limpeza transpunham as grades (Figura 40). Os andares possuíam corredores retos, mas que se interligavam uns aos outros, dando a idéia de continuidade. O prédio do Centro de Educação Infantil era completamente circular. Com exceção das grades – que não compunham o projeto original do prédio, mas não foi possível obter informações a respeito da data em que as grades foram instaladas – o prédio era aberto, possuía formas suaves, interligadas... as paredes das salas de aula eram de vidro, o que criava um visual ainda mais belo. Vidro? Viñao Frago (2001, p. 107) explicita que superfícies envidraçadas são utilizadas como instrumento de vigilância, em sistemas panópticos ao longo da História da Escola. Pode-se dizer que as 'paredes de vidro' do CEU funcionavam como grandes olhos que permitiam enxergar a sala de aula. No entanto, ao observar mais atentamente, via-se que graciosas cortinas grossas e coloridas recobriam o vidro e 'escondiam as salas de aula' (Figura 41).

Aos poucos, a abertura e a leveza dos traços arquitetônicos do CEU foram dando lugar a fatores intrigantes, como as paredes de vidro com cortinas coloridas e as grades que separavam os prédios *abertos*. Novas surpresas se revelavam a cada passo dentro da escola, mas a observação foi interrompida por seguranças desconfiados e interrogadores, sempre questionando os

motivos da visita! Definitivamente, essa escola não era um lugar nem aberto, nem flexível. O mesmo tratamento era dispensado pelos seguranças e funcionários da escola, pelos professores, direção... Desconfiança, pouca receptividade... aparentando medo de ser analisado, criticado ou questionado.

As salas de aula eram quadradas, retilíneas, com carteiras individuais enfileiradas, alfabetos expostos onde deviam ser vistos (Figura 42). De repente, um segundo olhar para o CEU o transformava em mais uma escola comum: salas quadradas, espaços separados e vigilância, a cargo dos seguranças. Mas, na planta do prédio a Sala de Leitura ocupava um espaço privilegiado, amplo e com abertura para os dois lados dos corredores, porém...

A Sala de Leitura perdeu 'espaço físico' para a montagem de uma sala de vídeo (Figura 48) que, segundo os professores, era necessária. Mais necessária que a Sala de Leitura? A sala teve que se 'adaptar' para se organizar como lugar, limitando seu território a um armário (Figura 47). Somam-se a essa ordenação espacial fatores externos à escola, as políticas públicas municipais. A partir das necessidades expostas pelo Programa Ler e escrever – prioridade na escola municipal – a direção da Escola 2 julgou necessário usar a Sala de Leitura literalmente como um mecanismo para sanar os problemas com a alfabetização, desprivilegiando a leitura para favorecer a escrita, o que alterou ainda mais o espaço da sala (Figuras 43 e 44).

As mesas redondas foram substituídas por carteiras individuais, enfileiradas e agrupadas, as estantes, comprimidas e o material de leitura, guardado. O que na planta era um espaço projetado para ser amplo, aberto, curvo e suave... acabou se tornando um lugar com formas duras, quadradas e sem amplitude. Um ambiente apertado, parecido com uma sala de aula comprimida. Um lugar constituído culturalmente, mas, ao contrário da Escola 1, não apenas pelos interesses das pessoas, mas também por questões políticas (programa Ler e Escrever). A falta de valorização do lugar da Sala de Leitura por parte do grupo de professores, segundo a orientadora, propiciou sua perda para a sala de vídeo. A falta de apoio da direção propiciou a perda do lugar da leitura para a escrita. A Sala de Leitura partiu de um espaço material dado amplo e preparado para se tornar um lugar usurpado na sua organização.

A Sala de Leitura da Escola 2 perdeu sua estabilidade e independência física, ao ceder parte de suas instalações para a montagem de uma sala de

vídeo e perdeu também sua especificidade ao ter que substituir as atividades de leitura pelas de escrita. A Sala de Leitura passou a se confundir com outros lugares da escola: o que é Sala de Leitura e o que fica fora dela? (Viñao Frago, p. 18. In: Bencostta, 2005). Essas questões influenciaram a percepção dos alunos da Escola 2. Questionadas acerca das diferenças do espaço da Sala de Leitura, um número expressivo de alunos apontou a Sala de Leitura como lugar comum entre outros da escola. Os alunos valorizaram a leitura, porém valorizavam menos a Sala de Leitura por entenderem que é mais uma sala de aula.

Devido ao Projeto Pedagógico e à posição da direção da unidade diante dos projetos políticos de alfabetização a Sala de Leitura utilizava carteiras, cadernos e lousas. A pressão do grupo de professores por uma sala de vídeo suprimiu parte da sala, que já havia perdido o mobiliário e a falta de acompanhamento em virtude das diferentes jornadas de trabalho, segundo a própria orientadora. A Sala de Leitura para o grupo de professores tornou-se um lugar alheio, distante de seus interesses e prioridades. O sentimento de pertencimento observado na Escola1, que refletiu no julgamento dos alunos fazendo-os considerar a Sala de Leitura diferente dos demais espaços dentro da escola, ocorreu do modo inverso na Escola 2, a falta de pertencimento influenciou os alunos a considerem a Sala de Leitura como mais uma sala, de mais uma aula, e não com um *lugar* especial ou diferenciado. Muito embora os professores de ambas as escolas não tenham respondido o questionário (porque grande parte dos professores não concordaram em respondê-lo) a observação permitiu inferir que ocorre o mesmo que com os alunos, os professores da Escola 1 valorizavam mais a Sala de Leitura do que os professores da Escola 2 que sequer participavam das atividades que ocorriam nela.

4 Considerações finais

O mergulho no universo das escolas da amostra proporcionou uma percepção do funcionamento do Projeto Sala de Leitura, um ambiente que surgiu concretamente como um lugar de leitura dentro das escolas municipais, suprimindo a carência de Bibliotecas públicas e a necessidade de ensinar os alunos a ler. Aos poucos, o lugar foi sendo ocupado dentro da escola: um velho depósito, um local debaixo de uma escada... foram se transformando em Salas de Leitura.

Não se pode alimentar a ilusão de que a Sala de leitura tornou-se um *lugar perfeito* que cumpre totalmente com sua finalidade. A Sala de Leitura é, hoje, objeto de disputas. Por vezes, suas fronteiras se fecham ou se isolam para preservar seu lugar diante das pressões externas, como a demanda crescente de alunos, o que ocorreu na Escola 1, com as sucessivas reformas. A Sala de Leitura acabou se tornando uma sala no final do corredor, no fundo do prédio, como se quisesse se preservar da invasão de salas de aula.

Em outros momentos, suas fronteiras, mesmo estabelecidas como projeto pela planta do prédio, acabam invadidas, dividindo suas instalações com outros segmentos, como a sala de vídeo na Escola 2. As ações das políticas públicas da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo modificam a legislação e conseqüentemente o projeto pedagógico das escolas alterando também a Sala de Leitura. Volto ao problema desta pesquisa: a Sala de Leitura é espaço, lugar ou território?

É um lugar e ao mesmo tempo seus ocupantes a marcam subjetivamente como território. Lugar porque é fruto da ocupação e construção humana, território porque impõe possibilidade e limite. É também espaço físico inicialmente adaptado (Salas de Leitura adaptadas) posteriormente projetado (Salas de Leitura na planta do prédio).

A Sala de Leitura é um espaço idealizado e convertido em lugar construído e território subjetivamente caracterizado, o que confirma a hipótese inicial da investigação. A pesquisa confirmou a relevância da proposta do espaço da Sala de Leitura dentro da RMESP, seja pelo depoimento dos orientadores

quase sempre dotados de entusiasmo, a professora da Escola 2 na entrevista queixava-se da falta de valorização por parte do grupo com relação ao espaço da Sala de Leitura. Já a professora da Escola 1, enfatizava a valorização prestada ao espaço de leitura da escola. Esses dados revelaram a noção de propriedade das orientadoras com relação ao espaço de suas respectivas salas o que as transforma em território.

O uso da Secretaria Municipal da Sala de Leitura como estratégia de suas ações políticas públicas, também confirmou essa valorização. Entretanto, a consolidação e valorização do projeto decorrentes da construção cultural de seu espaço, não invalidam os problemas enfrentados na Sala de Leitura. A demora na designação de um professor orientador mantém muitas salas fechadas por meses. A falta de renovação ou ampliação do acervo dificulta o trabalho. As constantes disputas por espaço com outros segmentos da escola, por vezes descaracteriza a Sala de Leitura...

O que esta pesquisa pode elucidar à medida que investigou a Sala de Leitura, é que esta possui elementos distintos construídos em cada escola nas ações grupais, a partir dos interesses de professores ou alunos... no fazer cultural, este aspecto torna cada *lugar* de Sala de Leitura um *território* único.

5 Referências bibliográficas

BANDEIRA, Pedro (sem data). *Os (en)cantos da Sala de Leitura*. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

BEZARIAS, Caio Alexandre. (2007). A Sala de leitura e seus segredos. In: *Curso de formação de orientadores de sala de leitura*. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

BOTELHO, Denise Maria (2000). *Educadores e educadoras no enfrentamento de práticas racistas em espaços escolares - São Paulo e Havana*. Mestrado. USP – SP.

BUFFA, Ester e PINTO, Gelson de Almeida. (2002). *Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971*. São Carlos: EDUFSCAR.

DOREA, Célia Rosângela Dantas (1992). *Escola: o espaço da educação – análise dos ambientes escolares nos programas de construção do Estado de São Paulo, de 1977 a 1990*. Mestrado. PUC –SP.

_____.(2003). *Anísio Teixeira e a arquitetura escolar: Planejando escolas, construindo sonhos*. Tese de Doutorado. PUC – SP.

LOUREIRO, Cláudia (2000). *Classe, Controle, Encontro: o Espaço Escolar*. Tese de Doutorado . USP - SP.

MARIN, Alda Junqueira e outros (2006) *Organização escolar e práticas pedagógicas*. Projeto de Pesquisa do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

MENDES, Mônica de Fátima Valenzi. (2006) *Sala de leitura nas escolas da Rede Municipal de Ensino: uma inovação que resiste às descontinuidades políticas*. Tese - Doutorado em: Educação, História, Política, Sociedade. PUC - SP.

PALMA, Cintia Maria de Souza (2004). *O espaço que educa? Políticas educacionais, sanitárias e urbanísticas na constituição do espaço escolar da escola normal do Braz (1911-1915)*. Mestrado. PUC – SP.

PEREIRA, Débora Conforto (2006). *Da escola do hardware para a escola do software: o processo educativo sob a lógica da compressão do tempo e do espaço*. Tese de Doutorado. Universidade Federal – RS.

PIOVESAN, Laís Serafin Raso. (1999) *Sala de Leitura: atos, atores e ações* Dissertação de mestrado (ECA – USP) SP.

ROCHA, Cristianne Maria Famer (2000). *Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo*. Mestrado. Universidade Federal – RS.

SILVA, Eliete Maria Farias (2002). *Sala de leitura entre Decretos e Portarias*. Monografia. PUC – SP.

São Paulo. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. (1972) *Programa Escola-Biblioteca*. Diário Oficial do Município, São Paulo

Secretaria Municipal de Educação (1997). *Revista comemorativa: Sala de Leitura 25 anos*. Secretaria Municipal de Educação. São Paulo.

Secretaria Municipal de Educação (1993). *Apostila de Capacitação de orientadores de Sala de Leitura*. Secretaria Municipal de Educação – SP

São Paulo. Secretaria Municipal de Educação – Diretoria de Orientação Técnica (2005). Programa ler e escrever – prioridade na escola municipal. In: *Projeto toda força ao 1º ano*. Volume 1. Secretaria Municipal de Educação – Diretoria de Orientação Técnica – SP

São Paulo. Secretaria Municipal de Educação (2008). *Portaria nº. 3.079 de 23 de julho. Estabelece a organização do funcionamento das Salas de Leitura*. Diário Oficial do Município de São Paulo, 23 de Julho de 2008

VIÑAO FRAGO, Antonio. (1996) *Espacio y tiempo – Educacion e historia*. Morelia, México: IMCED.

_____. (1998) Por uma historia de la cultura escolar: enfoques, cuestiones, fuentes. In: *Culturas y Civilizaciones – III congreso de la asociación de historia contemporánea*. Salamanca:Varone.

_____.(2005). Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: Bencostta *História da Educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez.

Viñao Frago e ESCOLANO, Agustín. (2001) *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A. São Paulo: Cortez.

VINCENT, Guy, LAHIRE, Bernard, THIN, Daniel. (2001) Sobre a história e a teoria da forma escolar. In: *Educação em revista*, Belo Horizonte, nº 33, pp.7-47.

Anexos

Anexo I - Questionário para professores e alunos da Unidade de Ensino

1-Você frequenta a Sala de Leitura (fora do seu horário de aula)?

Sempre () Às vezes () Raramente () Nunca ()

2-O que você costuma fazer quando vai a SL?

Ler () Olhar/Folhear livros () Planejar aulas ()

Participar de reuniões () Outros ()

3 – Com qual frequência você pega livros em prestados da Sala de Leitura?

Sempre () Às vezes () Raramente () Nunca ()

4 – Para você qual a importância do espaço da SL dentro da escola?

Muito importante () Importante () Pouco importante ()

Não é importante ()

5 – Qual a importância da leitura para você?

Muito importante () Importante () Pouco importante ()

Não é importante ()

6 – Você considera o espaço da SL diferente dos demais espaços da escola? SIM () NÃO ()

Alunos

1 – Você gosta de ler?

Sim () Não ()

2 – Quando leva livros da Sala de Leitura para sua casa, você lê?

Sempre () Às vezes () Raramente () Nunca ()

3 - Qual a importância da Sala de Leitura para você?

Muito importante () Importante () Pouco importante ()

Não é importante ()

4 – Você considera o espaço da SL diferente dos demais espaços da escola? SIM () NÃO ()

Anexo II - Depoimento POSL (Escola 1, ano de 2001)

Faca uma análise crítica da situação atual da escola de Leitura, além de ajudar
 outros alunos a desenvolverem sua capacidade
 de leitura e estudos e ampliar seus conhe-
 cimentos através de pesquisas, tal pale-
 strante em sala de aula e outros meios.

Dificuldades: Quando trabalhamos juntos, que
 não temos a suficiente ^{determinação} ~~capacidade~~ ^{para} ~~trabalhar~~
 e quando saímos cada um para
 substituir a ciência-médica.

Nos professores O.S.L a cada
 ano que passa estamos participando
 pouco dos encontros, este ano por exemplo
 não participamos de nenhum encontro.

É necessário mais treinamento, para
 que possamos investir mais na sala de
 leitura, discutindo novas formas de
 enriquecer as atividades básicas, con-
 tando também com a presença de
 autores de literatura.

Neste final de ano, com todas as dificuldades e avanços, estou me despedindo de vocês. Foi uma empreitada, no final já não estava aguentando mais, pois minha saúde ~~cessava~~ já não era a mesma. Mas, eu sentia que era preciso continuar e a minha ~~amiga~~ ^{amiga} dizia: Calma, você vai chegar lá e cheguei com a graça de Deus, está aposentada.

Mas, tenho a certeza que contribuí para formar ~~novos~~ novos alunos mais críticos, cristãos, solidários e participativos.

Este espaço na Escola é de extrema Grandeza

Virgínia J. Ribeiro

Anexo III - Oficina com o ilustrador Marcelino Vargas (Escola 1).



Anexo IV - Livro Rosaly Stefani – ex-POSL.



Anexo V - Planejamento SL – Escola 1

4.2.3 – PROFESSOR ORIENTADOR DE SALA DE LEITURA

Ações:

-Permitir que o aluno amplie sua visão de mundo pela compreensão e interpretação de textos e artigos voltados à realidade e o seu meio.

-Desenvolver nos alunos o gosto e o hábito da leitura, tornando-os leitores num momento de lazer, informação ou pesquisa.

-Proporcionar uma reflexão sobre os valores transmitidos pela leitura. - Conhecer, compreender e analisar os diferentes gêneros literários.

Estratégias:

Leitura coletiva ou em pequenos grupos; silenciosa ou em voz alta.

Criar um ambiente de relaxamento e descontração.

Apresentar aos alunos uma variedade de histórias e gêneros literários, relatar sobre os autores, estimulando comentários e discussões depois das sessões de leitura.

*Comparar textos literários com a realidade.

*Orientá-los à pesquisa colocando, à disposição fontes variadas.

Avaliação:

* Confecção de cartazes sobre temas lidos para estimular e convidar os colegas a lerem livros.

*Dramatizar textos e contos lidos com fantoches e apresentar às séries iniciais.

*Leitura e produção de texto em sala de aula.

*Confecção de cadernos de poesia na classe regente.

*Leitura

Projeto - Leitura de Poesias

Justificativa:

As situações deste projeto têm como intenção maior que os alunos vivenciem o papel de leitores mesmo antes de saberem ler convencionalmente.

Em geral as crianças se sentem bastante atraídas por esse tipo de texto e muitas vezes já o conhecem por intermédio de músicas infantis, parlendas e outros textos da tradição oral que têm predomínio da linguagem poética.

"As poesias, as parlendas, trava-línguas, os jogos de palavras, memorizados e repetidos, possibilitam às crianças atentarem não só aos conteúdos, mas também à forma, aos aspectos sonoros da linguagem com ritmo e rimas, além das questões culturais e afetivas envolvidas."

Produto Final:

Apresentação de sarau de poesias para as turmas da escola.

Objetivos:

*Familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros.

* Escutar poemas lidos, apreciando a leitura feita pela orientadora.

* Escolher os livros para ler e apreciar.

*Entrar em contato com as características do texto poético (musicalidade, ritmo, diagramação).

*Oferecer um repertório variado de poemas às crianças (diferentes autores da literatura infantil).

*Organizar o espaço da sala de forma que as crianças se sintam convidadas a ocupar o papel de leitoras.

*Ampliar o repertório de textos que se sabe de cor.

*Promover Interações significativas entre as crianças nas atividades de leitura.

Conteúdos:

*Participação em situações em que os alunos são os leitores, ainda que não convencionalmente.

***Observação e manuseio de materiais impressos com livros e textos.**

* Valorização da leitura como fonte de prazer.

* Características e recursos do texto poético.

Sequência provável de atividade

* Apresentação do projeto e da situação comunicativa que finalizará o projeto: um sarau para outra turma da Escola.

*Roda de leitura: oferecer vários livros de poesia e fazer a leitura de algumas delas.

* Dar a cada criança a poesia escolhida e fazer a leitura com ela.

* Com o microfone, auxiliando os alunos a ensaiarem a poesia a fim de ser apresentada na sala de leitura.

Pela poesia vamos despertar e desenvolver a sensibilidade das crianças e proporcionar a elas a emoção de descobrir a beleza nas coisas simples.

*Cada turma colocará a poesia que criou no varal da sua sala. Sugestões de livros e poesias

A poesia é uma pulga, Sylvia Orthof, Atual Ou isto ou aquilo, Cecília Meireles, NovaFronteira

Poemas para brincar, José Paulo Paes, Ática.

Poemas malandrinhos, Almir Corrêa, Atual

Berimbau e Outros poemas, Manuel Bandeira, nova Fronteira.

Caixa surpresa, Angela Carneiro, Formato

O tempo

O tempo Tudo

determina:

Os dias, as horas, os minutos

passam... Passa a vida

O tempo leva a juventude e traz a velhice, depois da velhice a morte. Assim passa o tempo, Levando e trazendo, tudo de bom e ruim. Assim é o tempo, com sua vida infinita. 4ª série Simão B.

Júnior

PROJETO CANTIGAS DE RODA

Existe um momento na vida da criança em que ela ainda não consegue dissociar suas fantasias e a realidade da qual participa. Ao mesmo tempo que conhece e aceita o que constata à sua volta, crê que pode ter ilusões e mergulha na fantasia. Entre a certeza do real e do desejo irreal, a criança transita entre aceitar a realidade e viver no sonho.

Para estar em paz consigo mesma e segura no mundo que a cerca, precisa de um espaço aonde possa ir e voltar do sonho à realidade. A criança cria para si o espaço do brinquedo para fortalecer sua confiança e ajudar a elaborar pequenas discussões.

No brinquedo de roda, consegue a criança através das cantigas conservar a tranquilidade que lhe permite perder e encontrar, dar e receber sem medo.

Nas cantigas de roda ela é ora o centro, ora o coro apresentando o estado onde se fundem a independência e a necessidade do outro.

As cantigas de roda permitem o estado intermediário entre a ilusão e a realidade e se constituem num exercício da continuidade e ruptura que necessita para investir na conquista de si e do mundo.

De mãos dadas com seus amigos a criança sente que pode fazer e desfazer o jogo com a segurança da amizade que sobrevive e fortalece sua identidade no grupo. Com o grupo ela compartilha seu mundo eterno trazendo a alegria para si mesma, e carregando para todos os momentos de sua vida a certeza de que pode superar a dor e encontrar uma forma de ser feliz.

Tema: Cante, brinque e encante.

Justificativa:

Cantar é maravilhoso! "Quem canta seus males espanta". Todos gostam de brincadeiras. Essas cantigas são muito importantes, pois pertencem à tradição oral e são transmitidas de geração a geração. Entre na roda, na ciranda da brincadeira e divirta-se com a sua turma. Será super legal!

Objetivos:

- * Pesquisar sobre as diferentes cantigas de roda que existem;
- * Proporcionar a leitura e a escrita das canções;
- * Ampliar o repertório musical e de outras brincadeiras de roda.

Metodologia:

- * Recuperar com os pais, avós, amigos, vizinhos e em livros, cantigas de roda;
- * Trabalhar com o grupo de alunos as cantigas;
- * Analisar as cantigas de roda;
- * Criar e inventar outras cantigas de roda.

Produto Final:

Organizar um pequeno livro com as cantigas de rodas com as letras e ilustradas pelas crianças nas claras regentes.

Atividade:

- *Apresentar o livro: O tesouro das Cantigas de roda.
- *Dançar as cantigas com coreografia no pátio da escola;
- *Cantigas de roda e ilustrá-las em sala de aula;
- *Um livro com as cantigas já conhecidas e as novas criadas pelos alunos;
- *Apresentar as músicas e as danças.